

Henrique M. de Sant'Anna



A P A I X Ã O D A G U E R R A

Estado da Arte



(Página deixada propositadamente em branco)

Henrique de Sant'Anna

Alexandre Magno
A paixão da guerra

Estado da Arte

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensauc@ci.uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

EXECUÇÃO GRÁFICA

Sereer, soluções editoriais

ISBN

978-989-26-0077-2

ISBN Digital

978-989-26-0216-5

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0216-5>

DEPÓSITO LEGAL

322692/11

Para as mulheres da minha vida,
Hilda e Carolina

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	7
I. O EXÉRCITO DE ALEXANDRE MAGNO	11
1. As fontes para o estudo da vida de Alexandre.....	11
2. Hipóteses para a reforma do exército macedónico	14
3. A infantaria macedónica.....	18
4. A “Cavalaria dos Companheiros”.....	30
5. A poliorcética e o cerco de Tiro.....	36
II. A MÁQUINA DE GUERRA MACEDÓNICA COLOCADA À PROVA	39
1. A Conquista do Império Persa	39
2. A Conquista do Oriente distante.....	67
III. O ALEXANDRE DOS ANTIGOS: BREVE SELECÇÃO DE FONTES	83
1. As origens da guerra de Alexandre contra os Persas: início, causa e pretexto em Políbio	83
2. O exército de Alexandre em números	85
3. “Dirija-se a mim como senhor da Ásia e não me trate como se fôssemos iguais”: a carta de Alexandre a Dario após a batalha de Isso (333 a.C.).....	86

4. A fundação de Alexandria (332/1 a.C.).....	88
5. O oráculo de Amon (332/1 a.C.)	89
6. A destruição de Persépolis (330 a.C.)	91
CONCLUSÃO.....	95
ANEXOS	97
I. Tábua Cronológica	99
II. Rota da expedição de Alexandre	101
BIBLIOGRAFIA SUGERIDA.....	103

PREFÁCIO

Alexandre Magno tem despertado o interesse dos historiadores desde a Antiguidade, tanto pela dimensão da sua conquista quanto pelo que ela significou na construção da história europeia. Do mesmo modo, num tempo de progressiva aceitação das alteridades, o mundo helenístico, o qual se formou com a fragmentação do império macedónico em 323 a.C., tem servido de campo de investigação empírica exemplar para a comparação do mundo antigo com as realidades contemporâneas, de modo a oferecer uma orientação da vida prática pautada na narração profissional do passado. O presente livro tem o propósito de servir como síntese histórica actual, amplamente baseada nas fontes primárias, e destinada ao público de interesse geral, actuando como primeira leitura sobre o tema. O autor desta breve introdução espera que o leitor possa estabelecer

um posicionamento crítico frente às diversas interpretações da vida militar de Alexandre, assim como tomar conhecimento de questões específicas sobre a “máquina de guerra” que tornou viável a expedição do *hegemon* dos gregos.

A. Toynbee, no seu ensaio *If Alexander the Great had Lived on*, concluiu que o mundo seria provavelmente mais helenizado e pacífico se Alexandre tivesse sobrevivido à doença que causou a sua morte na Babilónia e falecido somente em 287 a.C., após ter consolidado o seu império.

A observação de Toynbee, por exemplo, ainda que frequentemente negligenciada pela historiografia, imprime uma percepção otimista comum entre historiadores do séc. XX, contrastando com a realidade de quase toda a vida militar de Alexandre, que se inicia no mundo grego com a contenção violenta da revolta dos tribalos e o saque de Tebas, episódio que teve como desdobramento a humilhação de seus orgulhosos habitantes (cerca de 8.000 deles vendidos como escravos). No oriente, a despeito das realizações políticas e culturais do rei, tal como a fundação das diversas Alexandrias (sendo a do Egipto a mais famosa delas), as conquistas alexandrinas foram sempre

acompanhadas de grande derramamento de sangue e destruição excessiva de bens materiais, a exemplo do ocorrido em Persépolis, quando o palácio do Grande Rei foi arrasado com o propósito único de esbanjar poder (ver Cap. III). Por outro lado, Alexandre liderou um projeto de fusão entre as culturas grega e oriental, o que por vezes não era compreendido pelos seus companheiros ou mesmo pelo historiador oficial de sua expedição. De facto, Alexandre não somente se tornou o novo Grande Rei por direito de conquista, mas desejou governar o Império como rei dos macedónios e persas ao mesmo tempo. Tal condição dependia de um projeto de unificação política e cultural, o que jamais seria aceite por Aristóteles, para quem os “bárbaros” deveriam ser tratados como escravos, uma vez que eram inaptos para o autogoverno. Após ler este brevíssimo estudo de Alexandre Magno e do exército macedónico, o leitor deverá ter as ferramentas necessárias para se posicionar frente ao que representou esta importante figura histórica, certamente com uma ideia mais concreta e uma postura intelectualmente mais autónoma acerca do “pacificador” de A. J. Toynbee ou mesmo do super-homem pintado por W. W. Tarn.

(Página deixada propositadamente em branco)

I. O EXÉRCITO DE ALEXANDRE MAGNO

1. As fontes para o estudo da vida de Alexandre

As principais fontes antigas para o estudo da vida de Alexandre são Arriano (Arr.), Quinto Cúrcio, Diodoro (Diod. 17), Plutarco (Plut.) e Justino. De imediato, podemos notar que são todos autores posteriores ao rei macedônio, tornando-se muitas vezes impossível mapear as fontes (contemporâneas a Alexandre) originalmente usadas por tais autores. Há uma longa tradição historiográfica que aponta Arriano como sendo o mais confiável para os assuntos militares referentes à vida de Alexandre, não somente por ter sido um militar de carreira, a serviço de Adriano ou António Pio, mas também devido à qualidade das suas fontes. Arriano usou em larga medida os relatos de Ptolomeu, filho de Lago e um dos generais ao serviço do rei, e Aristóbulo,

curiosamente famoso, ainda na Antiguidade, por encobrir eventos constrangedores para Alexandre. Ptolomeu, ainda que tenha nos legado um relato igualmente favorável ao rei, era bastante entendido dos assuntos militares, e parece ter escrito sua narrativa de memória e a partir de anotações pessoais. As vantagens de Arriano ao usar Ptolomeu são claras, tanto para a terminologia militar quanto para as táticas adotadas, mas a ideia tradicional de que Ptolomeu não distorcia propositadamente os eventos é incorrecta, principalmente quando ele próprio se encontrava envolvido.

Ao lado de Arriano, notamos a chamada Vulgata. Esta tradição foi seguida pelos autores cujas obras nos chegaram sobre Alexandre, nomeadamente Quinto Cúrcio (séc. I a.C.), Diodoro (sécs. I a.C. - I d.C.) e Justino (séc. III d.C.). Ainda que não nos seja possível delimitar com precisão todos os historiadores antigos que integravam a Vulgata, podemos dizer que, em certas ocasiões, os relatos perdidos de Cleitarco, Aristóbolo e Calístenes, sobrinho de Aristóteles e também o historiador oficial da expedição asiática, aparecem com clareza, por exemplo, em Diodoro. Este último complica-se no uso das fontes não somente na vida

de Alexandre, mas também noutras partes de sua *Biblioteca Histórica*. Mesmo no caso do período helenístico, em que a principal fonte parece ter sido Hierónimo de Cárdis, Diodoro usa indiscriminadamente outros autores e elementos de seu próprio conhecimento acerca do ocorrido, sem a elaboração de um método criterioso na escolha dos relatos apresentados.

Plutarco (sécs. I-II d.C.) não se encaixa nesta tradição, a Vulgata, como também não faz parte da mesma tradição de Arriano. Deve, portanto, ser entendido à parte. A grande quantidade de fontes (num total de 24 autores) por ele utilizada e os objetivos de suas biografias não dizem respeito à redacção de uma história de Alexandre, da forma como fez Arriano. De facto, o carácter apologético permanece, mas a ideia de constituir modelos concretos com fundo moral para a sua própria sociedade torna a sua condição muito particular. Erros geográficos são comumente apontados pela historiografia moderna, como no caso da famosa confusão entre Bactria e Índia, embora seja talvez o autor de maior utilidade para o estudo da personalidade de Alexandre.

Assim, feitas todas essas observações preliminares, ressalto que a presente síntese histórica considerará as principais fontes literárias para a vida de Alexandre, mas levará em conta principalmente Arriano para o elemento militar. Esta decisão não integra a postura idealizadora que aponta Arriano como nossa melhor fonte para o estudo da vida de Alexandre, o que caracterizou, por exemplo, a construção do “super-homem” proposto por Tarn, mas admite que o relato de Arriano apresenta, na maioria dos casos, as informações mais concretas sobre os aspectos militares da vida do rei macedônio.

2. Hipóteses para a reforma do exército macedônico

Dada a sua posição de fronteira em relação ao universo políada e em particular após a esmagadora derrota para os ilírios (Diod. 16.2), os esforços militares dos reis macedônicos direcionaram-se para a formulação de uma nova máquina de guerra, a saber, a combinação equilibrada entre um tipo

de falange de piqueiros, de infantaria levemente armada, de excelente cavalaria e de um aparato completo de máquinas de cerco, a partir do qual Alexandre obteve os recursos táticos necessários para a realização da sua campanha na Ásia. Demóstenes (*Filípicas*, 3.47-50) nota a mudança drástica no estilo de guerra:

Primeiramente, ouvi que os espartanos de outrora, como todos os demais, passavam o verão de 4 ou 5 meses invadindo e maltratando o território inimigo com seus hoplitas e exércitos de cidadãos, e então retornavam para casa mais uma vez. Eles eram tradicionais, muito voltados às questões políticas, de modo que não contratavam os serviços de ninguém, e sua maneira de travar a guerra era aberta e de acordo com os costumes. Nos dias de hoje, tu percebes sem dúvidas que, na maior parte das vezes, a destruição é causada por traidores, e não advém do resultado das batalhas campais frente a frente. Tu também deves ter ouvido que Filipe certamente não obtém a vitória graças a sua falange de hoplitas, mas devido às tropas levemente armadas, cavalaria, arqueiros, mercenários e tropas equipadas de modo similar. Quando ele emprega essas tropas no ataque de uma cidade que sofre de alguma desordem, e quando a desconfiança mútua impede qualquer um de sair e defender as suas terras, Filipe traz o seu maquinário e cerca a cidade.

Apesar da sensível alteração no padrão clássico de guerra, observamos a falta de atenção dada pelo orador ateniense à falange de piqueiros, que não é vista como fator decisivo para as vitórias macedónias. Contudo, sabemos por diversas fontes que a experiência da falange de Filipe e Alexandre em campo de batalha mostrou-a superior mesmo às formações hoplíticas tradicionais, particularmente quando empregada com o suporte das tropas vagamente mencionadas por Demóstenes. Dito isto, gostaria agora de dedicar algumas linhas sobre o possível momento de execução da reforma da infantaria macedónica.

A. Momigliano, apoiado num trecho do fragmento da *Filípica*, de Anaxímenes de Lampsaco (FGrH 72 F4), foi o primeiro a afirmar que esta teria começado já com Alexandre, o Fileleno (498-454 a.C.), devido à referência ao novo grupo de soldados de infantaria, chamados *pezetairoi*, os quais teriam sido organizados em companhias por um certo Alexandre, considerado por Momigliano como sendo o primeiro rei deste nome de quem se tem notícia.

A referência feita a Anaxímenes tornou-se decisiva desde então, mas neste livro opto pelas hipóteses desenvolvidas posteriormente em cenário inglês, principalmente nas décadas de 70 e 80. Tais hipóteses consideraram, além de Anaxímenes, uma importante citação de Tucídides (4.124, “macedónios [...] e outra multidão de poderosos bárbaros”) sobre os soldados macedónios, que ainda combateriam, mesmo após o tempo de Alexandre I, como bárbaros (não-gregos e, portanto, organizados de modo distinto da falange), deslocando assim a reforma do exército macedónico para Alexandre II (370-368 a.C.). Ainda que o tempo de reinado de Alexandre II tenha sido bastante curto se comparado aos 44 anos de governo do primeiro Alexandre, a descrição de Tucídides deve ser considerada a partir do seguinte critério: se a formação macedónica, da forma como apresentada pelo historiador ateniense, foi corretamente narrada cerca de trinta anos após Alexandre, o Fileleno, a atribuição da reforma como sendo uma ação de seu governo é incorreta. Se de facto a reforma fora iniciada por um Alexandre, este só pode ser, por exclusão, o próximo Alexandre (II).

A reconstrução das origens do exército macedónico reformado é, então, bastante polémica e obscura, ainda que a tendência seja localizar o seu início cerca de dez anos antes do reinado de Filipe II. Além disso, a história da sua organização e ação em campo de batalha é-nos acessível somente a partir da campanha de Alexandre, quando o uso de Arriano e de alguns fragmentos, o mapeamento filológico de termos condizentes à infantaria e o estudo das unidades táticas conhecidas (e de suas subdivisões) auxiliam na tarefa de estabelecer as diretrizes para o entendimento de parte do exército macedónico.

3. A infantaria macedónica

Como foi dito anteriormente, somente através do relato de Arriano podemos elaborar uma reconstrução mais segura da terminologia e do desenvolvimento de parte das tropas macedónicas. Isso deve-se ao facto de que, por um lado, tanto Diodoro quanto Quinto Cúrcio empregaram fontes apenas indiretamente preocupadas com o

exército macedónico. Por outro lado, Ptolomeu, a principal fonte de Arriano, era, assim como o seu leitor, entendido nos assuntos militares e ciente da sua terminologia. Ainda que 500 anos separassem os dois, o relato de Arriano tornou-se o mais apropriado para a análise das tropas macedónicas e da sua aplicação tática em campo de batalha.

Analiseemos, então, os principais termos referentes à organização da infantaria. *Pezetairoi*, que à primeira vista indica a infantaria macedónica em sentido mais amplo, em Arriano, ora faz referência a toda a falange, ora apenas a parte dela (Arr. 1.28.3; 2.23.2; 4.23.1; 5.22.6; 6.6.1; 6.21.3; 7.11.3). Certamente trata-se de um termo anterior a Filipe, se aceitarmos as informações sobre os *pezetairoi* de Alexandre II, contidas no relato de Anaxímenes de Lampsaco (FGrH 72), podendo também, de acordo com Teopompo de Quios (FGrH 115 F348), fazer referência unicamente à “Guarda Real”. Apesar dessas divergências, uma coisa permanece inquestionável: o termo *pezetairoi*, no tempo de Alexandre, referia-se essencialmente a toda a falange de piqueiros.

Existem, além disso, duas variações que devem ser observadas: *pezoi*, por vezes indicando o conjunto de todos os batalhões ou brigadas dos *pezetairoi* ou mesmo toda a infantaria e “falange”, que pode significar a falange propriamente dita (como conjunto dos batalhões) ou apenas um único batalhão da falange, bem como os *hipaspistai* e a formação em linha de batalha, quando usado para fazer referência a outras tropas (especialmente no contraste com os arqueiros).

Com a ampliação do termo para a definição de toda a falange (ou de sua parte em destaque), abre-se também uma nova questão, introduzida a partir de uma releitura de Arriano: qual seria a vinculação dos *pezetairoi* com os *hipaspistai*?

Em primeiro lugar, o que já se discute desde a década de 30. Muitas informações vitais acerca dos *hipaspistai* são impossíveis de se obter, basicamente por duas razões, ambas derivadas de problemas advindos das próprias fontes. Em primeiro lugar, os historiadores gregos não estariam interessados em “detalhes militares técnicos” de uma tropa macedónica, mesmo quando esta desempenhava função importante na campanha.

Em seguida, Ptolomeu, provavelmente por estar familiarizado com todos esses detalhes técnicos em seu dia-a-dia, simplesmente não desenvolveu nada a respeito da disposição e equipamentos desta tropa.

Sabemos que os *hipaspistai* foram uma força criada a partir de uma seleção dos *pezetairoi*, sendo provavelmente a primeira na história da Macedónia de caráter profissional, cujo serviço era ininterrupto e cuja lealdade estava ligada particularmente à figura do rei. O termo aparece apenas em Arriano, tendo designação equivalente em Diodoro (*doruphorois*), o que sugere ter sido *hipaspistai* o termo empregado por Ptolomeu e, por dedução, pelos próprios macedónios.

Basicamente, formavam um contingente de 3.000 homens e encontravam-se divididos em três quiliarquias de aproximadamente 1.000 homens cada. Diferentemente do restante da falange, os *hipaspistai* eram selecionados pelo próprio rei e integravam a sua guarda pessoal.

Qual seria, por último, o equipamento militar do *hipaspistes*? Existe uma tendência geral em definir o seu equipamento como sendo mais leve

que aquele dos demais falangistas ou algo situado entre o equipamento do falangista e o do peltasta. No que diz respeito a essas suposições, Tarn (1948: 153) é incisivo:

Em relação ao armamento, eles eram infantaria pesada, tão pesadamente armada quanto a falange; a diferença entre os dois corpos residia em sua história, recrutamento e manutenção, não no armamento. A crença de que eles eram armados como peltastas, ou que seu armamento era algo intermediário entre aquele do falangista e do peltasta, não encontra evidência para lhes dar suporte e não precisa ser informado.

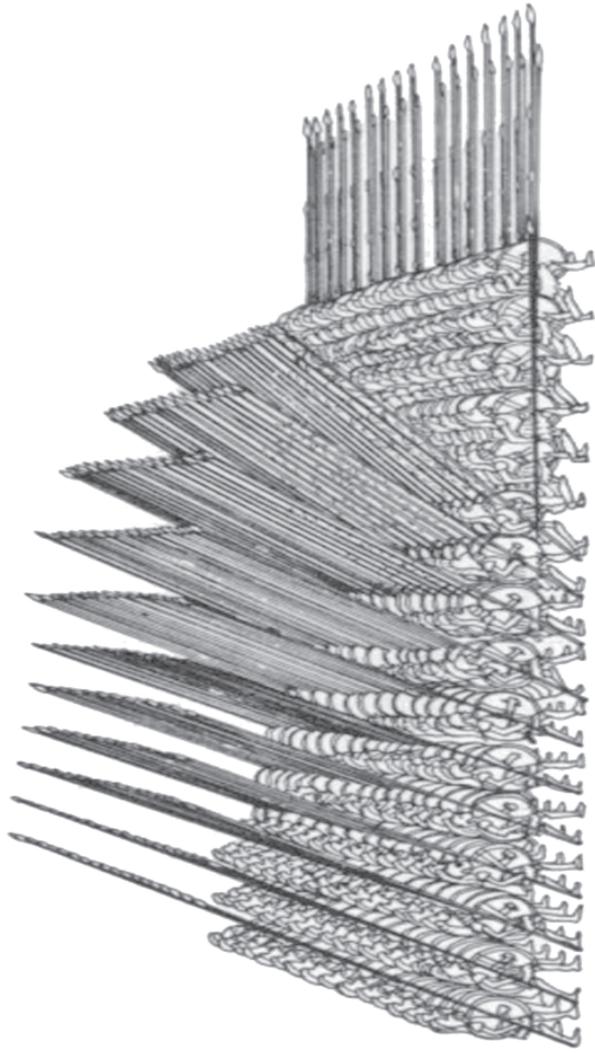
Há, por outro lado, suposições com relação ao equipamento do *hipaspistes*, que podem sugerir uma proximidade com o peltasta ou soldado levemente armado. A melhor delas insinua-se a partir de uma marcha forçada do exército macedônico, na qual Alexandre teria utilizado os *hipaspistai* juntamente com a infantaria levemente armada dos agrarianos. Os demais soldados da falange teriam sido deixados para trás (Arr. 4.3; 3.21; 3.23), o que poderia declarar uma diferença entre o equipamento dos *hipaspistai* e dos falangistas

em geral. Nesta ocasião, quando podemos observar soldados levemente armados (*hipaspistai* e *agrianianos*), em contraste com aqueles que os seguiram “em falange”, a dedução mais correta é a de que se desfizeram dos armamentos para a perseguição e não eram, como comumente afirmado, regularmente armados como infantaria ligeira. Porém, o que temos de mais concreto parece ser mesmo uma semelhança nos armamentos dos *hipaspistai* e dos demais falangistas, dado que durante toda a campanha ambos partilharam as mesmas funções táticas.

Sabemos que com Alexandre, na Ásia, a infantaria macedónica era formada por até seis batalhões (*taxeis*), cada um deles compondo uma unidade tática autónoma (que poderia ser empregada em conjunto, obviamente). Tal ponto de partida permite que o foco do estudo sejam as subdivisões dos batalhões, as quais assegurariam maiores níveis de flexibilidade nas manobras. A unidade básica de infantaria na falange era a *syntagma*, formada por 16 *lochoi* de 16 homens. Sob o comando do *syntagmatarches*, o batalhão era capaz de executar manobras que exigiam extensivo treinamento mili-

tar, a exemplo da formação em linha reta, oblíqua ou crescente, em seta ou em quadrado. Além disso, é ainda provável que o *lochos* seja uma criação de Filipe, já que as suas primeiras aparições ocorrem na fase inicial da carreira de Alexandre (Arr. 2.10).

Diante da organização militar da falange, a *sarissa* (com aproximadamente 4 ou 5 metros) representou a inovação material macedónica mais importante, tornando aquela numa força frontalmente imbatível até o surgimento da legião romana. Ao estabelecer a famosa comparação entre a falange grega e a legião romana, Políbio (200-118 a.C.) (18.29) informa-nos com razão o seguinte: “contanto que a falange mantenha a sua ordem usual e a sua coesão, nada pode enfrentá-la abertamente ou resistir a sua investida”. Sem dúvidas, a despeito das condições ideais necessárias ao uso dessa poderosa infantaria, o que a tornava inferior à flexível legião romana, a ordem e a coesão da falange dependiam largamente do espaço que cada falangista ocupava na formação e do papel que o seu equipamento (especialmente a sua lança) desempenhava na proteção e na manutenção dessa formação.



Reconstrução da falange macedônica em sua formação de 256 homens, conhecida como syntagma.
— Imagem após P. Levi, *Atlas of the Greek World*, 1980.

Para explicar o efeito que uma tropa armada com a sarissa provocaria no inimigo, um famoso historiador inglês utilizou o seguinte exemplo: “numa escala mais próxima, era como a embarcação que atacava um oponente, forçando-o a correr grandes riscos antes de conseguir se aproximar e revidar”.

Em companhia à poderosa *sarissa*, o falangista contava com a *pelte*, suspensa até o pescoço, em contraste com o pesado escudo (*aspis*) do hoplita políada. A eficiência do equipamento do falangista residia na vantagem do primeiro choque, dada pelo uso da *sarissa*. Embora não fosse um soldado pesadamente armado, tal vantagem concedia aos macedônios certa superioridade tática frente aos demais exércitos gregos. Como consequência do aumento no tamanho da lança, o elmo macedônico tornou-se bastante diverso daquele usado pelo hoplita, conhecido como “coríntio”. Ao contrário do hoplítico, o elmo do falangista era menos caro de fabricar e era aberto na face. Por fim, quanto às grevas, estas eram usadas apenas nas primeiras fileiras.

Existe uma questão delicada em relação ao falangista que não pode ser ignorada aqui, embora já seja consenso entre os historiadores. Transformando numa interrogação, seria o falangista macedónico uma derivação simples e direta do peltasta de origem trácia? De fato, num clássico datado de 1969, o historiador responsável por essa teoria afirmou que “seu equipamento [o do peltasta] é caracterizado pela longa lança (*sarissa*) e a *pelte*”, sugerindo abertamente que não havia diferença alguma no equipamento do peltasta e do falangista. Entretanto, gostaria apenas de apresentar duas observações sobre tal hipótese.

A primeira delas segue o que tem sido proposto recentemente em cenário norte-americano. De modo geral, a partir do séc. IV a.C. o termo peltasta passou a indicar a infantaria levemente armada (sem a pesada *aspis*), tendendo a uma generalização, mais do que propriamente à definição exclusiva do soldado que portava a *pelte*. Não seriam, portanto, “peltastas macedónios”, mas algo próximo de “semi-hoplitas”.

A segunda está de acordo com uma diferença apresentada em relação à lança do peltasta trácio

e a *sarissa*: a última não era, definitivamente, empregada apenas com uma das mãos, assim como não era usada para arremesso, diferenciando-se totalmente, portanto, da lança do peltasta. Similares aos peltastas quanto ao peso do seu equipamento, os falangistas macedónios atuavam em campo de batalha como verdadeiros hoplitas.

Outra questão relevante quanto ao equipamento do falangista macedónio é a ausência do peitoral. Tal questão reflete, no entanto, mais os aspectos sociais e económicos de sua condição do que propriamente uma característica tática. De fato, a Macedónia parece ter-se organizado em torno do *ethos* e não da *pólis*, o que impossibilitou o surgimento do “ideal militar hoplítico”. Com Filipe, ou talvez um pouco antes, observamos a intervenção monárquica na concessão do armamento, e sendo a Macedónia ainda um pequeno reino – portanto, sem grandes recursos para a guerra –, é plausível que a *sarissa*, arma que compensava a ausência do peitoral e da *aspis*, tenha sido produto deste contexto. Qualquer tentativa de hierarquização ou atribuição de uma causa única para a explicação do por que a *sarissa* foi introduzida entre

os macedónios seria um equívoco. Sabemos que não se trata unicamente do produto de uma concepção tática, assim como não podemos reduzir esta inovação à deficiência económica do reino.

Por último, além dos macedónios propriamente ditos, temos outras etnias compondo a infantaria de Filipe e Alexandre, ora como aliados ora como mercenários. Embora existam, ainda, distinções claras entre ambas as condições, estas tenderão a desaparecer na guerra helenística. Infelizmente, as informações que nos chegaram sobre as tropas auxiliares do exército macedónico não explicam praticamente nada sobre a sua atuação na guerra ou mesmo acerca da sua disposição geral, exceto por algumas menções na *Anábasis* de Alexandre. Além do mais, ainda que Filipe e Alexandre tenham empregado arqueiros cretenses, dardeiros trácios e fundeiros ródios, a relevância do uso de tropas ligeiras é percebida com mais detalhes nas batalhas travadas entre Cartago e Roma. O maior número de informações sobre o exército macedónico incide, sem dúvida, sobre seus dois alicerces táticos: a falange, da qual apresentei uma breve análise acima, e a “Cavalaria dos Companheiros”, acerca

da qual me ocuparei em seguida, argumentando sobre a transformação do papel da cavalaria nas batalhas e de sua persistência durante as Guerras dos diádocos.

4. A “Cavalaria dos Companheiros”

Gostaria de iniciar este item com uma pequena mas fundamental observação sobre o “Esquadrão Real dos Companheiros” (*ilé basiliké* ou algumas vezes *agéma*). É notável o acréscimo *ton etairon* a esta unidade de elite, de modo que a “Guarda de Alexandre”, com exceção dos *hipaspistai*, passou a ser sinónimo da sua cavalaria macedónica, mesmo quando referida somente como *agéma*, mas por que a condição de cavaleiros lhes foi conferida?

A resposta mais provável parece ser porque os reis macedónios (e especialmente Alexandre) quase sempre combatiam a cavalo, como revela a insistência de alguns autores antigos em tentar posicionar Alexandre no comando de sua cavalaria na batalha de Isso, quando na verdade o rei se encontrava no comando da infantaria.

A “Guarda Pessoal” do rei tornou-se, historicamente, sinónimo de uma cavalaria de elite, a “Cavalaria dos Companheiros”. Esta força de elite cresceu bastante após Alexandre cruzar o Helesponto, quando sete esquadrões (*ilas*) foram acrescentados ao primeiro original, distinto dos demais apenas por sua procedência (o esquadrão real *par excellence*). Sabemos que formavam oito esquadrões na batalha de Gaugamela (Arr. 3.11-12), sendo que o esquadrão real estava sob comando de Clito, o Negro, e os demais sob o comando de Filotas, filho de Parménio.

Sendo a elite da cavalaria macedónica, a qual era empregada em pontos decisivos das táticas executadas em campo de batalha, não poderiam existir em grande número; mas o seu papel, em contrapartida, não deveria ser de coadjuvantes quando entrassem em ação. Assim, qual era o número dos cavaleiros que integravam os Companheiros de Alexandre?

De modo geral, a discussão em torno do número de cavaleiros que Alexandre tomou quando da sua partida para a Ásia foi travada pela historiografia a partir dos dados obtidos no relato de

Diodoro (17.17), e algumas das fontes utilizadas pelo historiador siciliano não permitiram a precisão desejada com relação às tropas macedônicas. A equivalência do contingente disponível a Alexandre e a Antípatro (que o rei havia deixado como representante na Europa), ambos com 12.000 soldados de infantaria macedônios (3.000 *hipaspistai* e 9.000 falangistas) é incorreta, senão absurda, especialmente devido à duplicação do número de *hipaspistai*. A contagem das tropas montadas a partir de Arriano torna-se, portanto, necessária.

Outra questão importante diz respeito à organização da “Cavalaria dos Companheiros”. Originalmente, os Companheiros estavam divididos em *ilas*, mas a partir de 331 a.C., em Susa, Alexandre formou dois *lochoi* com cada *ile*, que conseqüentemente passou a ser comandada por *lochagoi*. Esta alteração era inédita, conforme nos relata Arriano (3.16), e representou o inchaço no número dos Companheiros, já que as *ilas* não mais satisfaziam como divisão das unidades. Em contrapartida, após a execução de Clito, o Negro, (330 a.C.) surgiram as *ipparchias* e, ao que parece, o próprio Alexandre teria assumido aquela per-

tencentente a Clito, somando quatro esquadrões sob seu comando e outros quatro sob o de Hefesto.

O termo parece ter sido empregado apenas a partir de 326 a.C., no Indo, quando novos contingentes – orientais – passaram a compor o exército de Alexandre. As menções anteriores de Arriano às *ipparchias* seriam, então, confusões e anacronismos de seu próprio tempo. Há, no entanto, que prestar atenção à coincidência de dois fatores, os quais permitem uma compreensão modificada das *ipparchias*: a desconfiança de Alexandre com relação aos seus principais oficiais e a divisão da “Cavalaria dos Companheiros” nas novas unidades, o que teria amenizado a possibilidade de motins (já que estavam divididos e com poderes reduzidos), concedendo-lhes, em contrapartida, um título de bastante prestígio, antes pertencente apenas a um ou dois oficiais. Se esta observação estiver correta, o surgimento das *ipparchias* foi possivelmente anterior a 326 a.C. e a inserção de orientais na “Cavalaria dos Companheiros” um fator independente para a organização das novas unidades.

Por último, cabe indagar sobre a relevância desta preocupação com o crescimento do contingente dos Companheiros (de um esquadrão para oito ao cruzar o Helesponto, em número de 2.000 em Gaugamela e divididos em *ipparchias* quando da campanha na Índia). O que exatamente pode significar esta ampliação e quais os seus desdobramentos no mundo helenístico?

A resposta reside na transformação das funções da cavalaria em campo de batalha, isto é, a partir de Alexandre, o Grande, (e de seu exército reformado) as tropas montadas passaram, definitivamente, a desferir o ataque principal, legando aos falangistas o papel de força de apoio, necessária mas sem caráter decisivo ou por princípio ofensivo. Tal característica da cavalaria macedónica pode ser observada, por exemplo, na batalha de Gaugamela, quando o número dos Companheiros foi elevado ao máximo e a tática, remodelada a partir da tradição grega, ilustra a relevância da decisão pelas manobras das tropas montadas.

A modificação da sua função tática veio acompanhada de duas grandes inovações. A primeira delas é a “formação em seta”, que facilitava o

rompimento da formação inimiga pela ampliação da carga desferida, se comparada àquela executada pela “formação em quadrado”. Basicamente, ao manter os seus olhos fixos no seu líder, posicionado à frente da formação, cavaleiros organizados em seta eram capazes de romper com uma formação defensiva, desferindo, assim, o golpe principal.

A segunda delas diz respeito à exploração dos espaços entre os batalhões de falangistas. Apresentar ao inimigo um bloco coeso com diversas pontas de lança e manter esta formação sem espaços entre os batalhões eram coisas completamente distintas. A partir do momento em que a cavalaria passou a desferir o golpe principal, a questão dos espaços tornou-se de máxima importância, como pode ser visto em Gaugamela e, no período helenístico, em Paraitacene (Eumenes *versus* Antígono). Por último, ainda que não seja cotada como uma inovação das táticas de cavalaria, o envolvimento pelo uso de tropas montadas tornou-se prática comum entre os macedônios. Numa batalha em que ambos os comandantes tivessem disposto a cavalaria nas alas, a vitória dependeria abertamente da capacidade do exército em manter

os seus flancos protegidos do envolvimento inimigo. Ainda que esta fosse uma prática comum entre os persas, foi com os macedónios que tivemos a combinação do ataque montado com o avanço da falange, frontalmente impenetrável, exceto pelos espaços abertos durante o seu avanço ou ataque.

5. A poliorcética e o cerco de Tiro

Nenhum caso na expedição de Alexandre foi tão emblemático para os usos das máquinas de cerco (e de defesa de uma cidade) quanto a tomada de Tiro, em 332 a.C. De fato, a cidade parecia inexpugnável: construída numa ilha próxima à costa, com torres de defesa que chegavam aos 46 metros de altura, Tiro contava ainda com uma imensa armada, disposta a encerrar qualquer tentativa de aproximação das muralhas da cidade. Além disso, no caso de o inimigo se tentar aproximar por meio de uma ponte elevada, o que tornaria possível a travessia por terra, os habitantes contavam com navios incendiários, excelentes na destruição de torres ou de possíveis pontes em construção, sem

mencionar o aglomerado de pedras colocadas à beira da muralha, o que dificultava bastante a escalada por parte do inimigo.

Alexandre teve que lidar com todos esses mecanismos de defesa e, a julgar pelo resultado do cerco, certamente não o fez sem máquinas capazes de destruir uma defesa tão forte. Decidido pelo cerco de Tiro, Alexandre iniciou o recrutamento de engenheiros para a construção de novas máquinas, nomeadamente torres, aríetes e catapultas (de torção). Com tais máquinas, no comando da ala fenícia, Alexandre ofereceu combate aos habitantes de Tiro, que decidiram apostar na força defensiva da sua cidade. O ataque teve início com uma parte das máquinas posicionadas na ponte e a outra parte em embarcações voltadas para as muralhas. As torres de defesa barraram o avanço das embarcações, mas não por muito tempo. Após conseguir uma brecha na muralha, os soldados de Alexandre puderam adentrar e finalizar o embate.

O cerco de Tiro representou também o ponto central na questão logística da expedição de Alexandre. A exposição do discurso de Alexandre às tropas momentos antes do início do cerco, da

forma como apresentado por Arriano, permite-nos ter uma ideia bastante clara do que a tomada de Tiro efetivamente significou em termos logísticos:

Amigos e aliados, eu entendo que uma expedição ao Egito não nos será segura enquanto os persas mantiverem a soberania dos mares, da mesma forma que não nos é seguro [...] deixar em nossa retaguarda a cidade de Tiro, cuja lealdade é duvidosa, bem como deixar o Egito e a ilha de Cipro sob o domínio persa. [...] Mas se Tiro for capturada, toda a Fenícia cairá sob nosso domínio, e a frota dos fenícios, a mais numerosa e poderosa da armada persa, provavelmente estará do nosso lado. Após subjugar o Egito [...], nós seremos capazes de encaminhar uma expedição a Babilônia em segurança.

II. A MÁQUINA DE GUERRA MACEDÓNICA COLOCADA À PROVA

1. A Conquista do Império Persa

Alexandre nasceu em 356 a.C., tendo assumido o trono com apenas vinte anos, após a morte prematura e polêmica de seu pai. Aos treze anos tornou-se pupilo de Aristóteles, cujas lições de moderação certamente opuseram em diversas ocasiões da vida de Alexandre o comportamento adotado pelo rei. Há quem diga que tal postura excessiva era a evidência psicológica da sua mãe, Olímpia, responsável pela construção de parte da personalidade do promissor monarca. Com comportamentos tão descontrolados, por um lado, como veremos ao longo desta síntese, mas especialmente na seleção de fontes apresentadas na terceira parte, Alexandre mirava com grande

praticidade, por outro, objetivos militares maiores, o que se deve abertamente ao projeto iniciado por seu pai, Filipe II. Tendo como heróis Aquiles e Hércules, Alexandre mantinha consigo (e mesmo debaixo do seu travesseiro) uma cópia da *Ilíada* a qual fora revisada por Aristóteles. Com tamanho suporte educacional, a sua vocação parece ter-se afirmado cedo, primeiramente aos dezasseis anos, quando suprimiu uma revolta tebana durante a ausência de Filipe II, e, em seguida, aos dezoito anos, ocasião em que liderou a ala esquerda do exército de Filipe contra o Batalhão Sagrado (um tipo de tropa de elite) de Tebas. Em 336 a.C., um ano após a união de Filipe com Cleópatra, sobrinha de seu general Attalus, Alexandre assume o trono macedónico diante do assassinato do pai. Uma série de versões emergiu acerca da morte de Filipe, destacando-se a que acabou por se tornar oficial: o rei fora assassinado mediante ouro persa.

Com o trono vago, os generais (Antípatro e Parménio) deram suporte a Alexandre, herdeiro legítimo de Filipe, o que se traduziu em ação política vigorosa por parte do novo rei; após ter o controle dos exércitos, eliminou toda a concor-

rência com pulso firme, não permitindo qualquer tentativa de usurpação imediata. Expandir a sua autoridade para as regiões além da Macedónia, no entanto, mostrou-se questão bem mais complexa.

A Liga de Corinto não estava ainda consolidada e a morte de Filipe provocou um tumulto entre as cidades gregas. Primeiramente, Alexandre assegurou o controle sobre a Tessália, e com isso obteve apoio da sua forte cavalaria – sem dúvida, a mais importante em todo o mundo grego, ainda que não fosse párea, na maioria dos casos, para os cavaleiros asiáticos. Em seguida, durante a sua marcha para a Grécia, conteve a revolta dos tribalos e dos ilírios, momento em que um boato sobre a morte de Alexandre chegou aos ouvidos gregos, instigando os democratas tebanos, exilados previamente sob ordem de Filipe II, à revolta. Temendo uma aliança entre Tebas, Atenas, Esparta e Etólia, Alexandre acelerou a marcha em direção a Tebas, desmentindo com violência as notícias sobre a sua morte. Seguiu-se ao cerco de Tebas a completa destruição da cidade, deixada como exemplo para as demais cidades gregas, tendo sido os seus cidadãos (cerca de 8.000) vendidos como escravos.

Em 335 a.C., Alexandre planejava a invasão da Pérsia no seu trono, na Macedónia, juntamente com o experiente Parménio, que havia retornado da Ásia sob ordem do jovem rei, contando a esta altura com o apoio dos gregos (exceto os espartanos). Importante notar que a retirada de Parménio, seguida da derrota de seu sucessor para o comandante persa Memnon, resultou no descaso por parte do Grande Rei quanto aos preparativos para uma possível invasão macedónica. Ninguém foi disposto como comandante responsável pela costa, bem como frota alguma foi mobilizada com o objetivo de barrar iminentes avanços gregos.

A invasão da Pérsia era, em princípio, assim como a organização e o funcionamento do seu exército, uma herança de seu pai. A sua vocação para os assuntos militares certamente o influenciou no prosseguimento da empreitada, embora a justificativa para a guerra pudesse ter ainda algum peso real. De acordo com as fontes, Alexandre dizia que a invasão se tratava de uma guerra pan-helénica justa, e que ele era o “campeão dos gregos”, responsável por levá-la adiante.

Em 334 a.C., no comando de aproximados 30.000 soldados de infantaria (entre macedônios e gregos, incluindo cretenses e trácios, ainda que esta inclusão identitária seja um assunto delicado) e 5.000 cavaleiros (entre Companheiros, tessálios e demais aliados gregos), Alexandre partiu para a Ásia, deixando Antípatro na Europa (responsável pela Macedônia e pela Trácia) com cerca de 9.000 soldados de infantaria e algumas centenas de cavaleiros, provavelmente cerca de 600, a julgar pela quantidade que o mesmo foi capaz de recrutar para a chamada Guerra Lamiana (323/2 a.C., ver Tábua Cronológica no final do livro).

Momentos antes de prosseguir, contudo, um evento simbólico importante ocorreu em Ilium. Alexandre, inspirado pela estória de Aquiles, sacrificou animais no antigo templo de Atena, declarando a libertação do jugo persa e o fim do tributo pago ao Grande Rei. Após isto, Alexandre liderou seu exército contra os persas estacionados nas margens do Granico. A estratégia era simples e eficiente: com os mercenários gregos dispostos atrás da sua poderosa cavalaria, os persas planejavam assassinar o rei macedônio já no início da expedição.

Com Parménio na liderança da ala esquerda, como de costume, Alexandre dispôs o restante do exército em ordem igualmente convencional, estando os cavaleiros tessálios e aliados gregos seguidos, da esquerda para a direita, pela falange e pelos *hipaspistas* ao centro, e pelos Companheiros, lanceiros, cretenses e demais aliados à direita, sob o comando do próprio rei. Em resposta à estratégia direta adotada pelos persas (assassinar o rei em primeiro lugar), os macedónios optaram por atravessar o rio mais adiante com uma pequena força e atacar de surpresa o flanco esquerdo persa, ao mesmo tempo que a cavalaria dos Companheiros investia vigorosamente contra a linha da frente inimiga. Ainda que Alexandre tenha quase sido abatido, não fosse o apoio crucial de Clito, um de seus Companheiros, os persas não ofereceram grande resistência e a primeira batalha havia sido vencida pelos macedónios sem perdas significativas (certamente menos que uma centena).

Após adotar as medidas políticas devidas, como a designação de Calas como sátrapa de parte da Frígia e o envio de 300 panóplias persas a Atenas, Alexandre marchou em direção a Iônia.

Com a submissão de diversas cidades, algumas delas por vias pacíficas, como no caso do suporte dado pela irmã do ex-sátrapa Mausolo, o rei foi capaz de encontrar-se, encerrado o inverno, com Parménio em Górdio. Lá estava o carro de Górdias, fundador da monarquia frígia, famoso pela lenda local relacionada ao nó górdio. Aquele que fosse capaz de desatar o nó governaria toda a Ásia, dizia a lenda. De acordo com as fontes, Alexandre teria cortado o nó com o golpe de sua espada, “desatando-o”, portanto, com a mesma violência que aplicou na sua expedição asiática. A natureza da sua solução para o nó górdio coincidiu com a maneira pela qual a Ásia foi conquistada, ainda que muitos historiadores duvidem da realidade de um dos eventos mais famosos da vida militar de Alexandre.

Alexandre prosseguiu em direção a Ancira, e de lá para a Cilícia. Terminada uma curta campanha de uma semana nas cidades situadas nos arredores, Alexandre marchou para o plano de Isso, onde pretendia encontrar Parménio, previamente enviado pelo rei, após verificar que Dario não estava mais em Sochi. Com as costas viradas

para os Portões Amânicos, e tendo o oceano à sua direita e as montanhas à sua esquerda, os persas aguardaram pela batalha frontal em Isso, apostando em larga medida na sua força mercenária grega e nos *cardaces*.

A batalha de Isso (333 a.C.) permite a introdução de uma questão fundamental, a partir da qual é possível compreender a superioridade da falange macedónica frente à infantaria pesadamente armada dos *cardaces* e do conjunto de mercenários gregos a serviço do Grande Rei. Em 1992, um historiador inglês (N.G.L. Hammond) apresentou argumentos bastante convincentes de que Alexandre teria liderado um ataque de infantaria (e não de cavalaria, como de costume) no episódio de Isso. Embora tal questão já tivesse sido anteriormente levantada pela historiografia, qual seja, a da impossibilidade de uma tropa de cavalaria antiga romper frontalmente uma linha inimiga composta por infantaria pesadamente armada, facto há muito consolidado na história militar, atribui-se a esse historiador o mérito de ter organizado as evidências necessárias, no texto

de Arriano, à refutação do ataque da Cavalaria dos Companheiros como sendo decisivo em Isso.

As fontes disponíveis para o estudo da vitória macedónica em 333 a.C. apresentam relatos muito diferentes sobre o desenrolar das manobras. Encontramos informações pouco esclarecedoras nos fragmentos do texto de Calístenes, preservados em Políbio (Calístenes FGrH 124 F 35), um relato fora dos padrões táticos aceitáveis para a época em Diodoro 17.33 e Cúrcio 3.9, algo muito resumido em Plutarco (Alex. 20.4), exaltando a genialidade e a coragem de Alexandre, e o relato de Arriano 2.8; 2.11. De todos eles, o mais adequado é o de Arriano por uma razão muito simples: os detalhes técnicos advindos, com certeza, do uso que fez de Ptolomeu, permitem precisar melhor o tipo de tropa empregada e como se deu a sua movimentação¹.

¹ Veja, por exemplo, o absurdo do relato de Diod. 17.33, “ele [Alexandre] dispôs a cavalaria à frente de todo o exército e ordenou que a falange permanecesse em reserva atrás dela [a cavalaria]”. Quando isso poderia ocorrer? Quão correto seria afirmar que o próprio rei, comandando os Companheiros à frente de toda a falange, liderou um ataque direto contra um corpo de infantaria pesadamente armado?

Diversos historiadores tomaram a pluralidade dos relatos para criar uma versão imprópria da batalha, quase sempre “forçando” a presença de Alexandre no comando da cavalaria. Aproximações como essas, por vezes vistas como *uncritical*, devem ser revistas sob o testemunho de Arriano, mais propício para a análise de informações de ordem militar, assim como mais adequado para a batalha de Isso em particular.

De acordo com Arriano, assim que as tropas de Alexandre se moveram para campo aberto, a linha de batalha foi organizada da seguinte maneira: na ala direita, com o flanco protegido pela montanha, Alexandre dispôs os *hipaspistai* e ao seu lado “um tipo especial de infantaria”. Da direita para a esquerda, seguiu-se a falange macedónica e, na extrema esquerda, o batalhão de Amintas, ladeado pelas tropas de Ptolomeu e Meleagro. Parménio estava no comando de toda a ala esquerda, tendo recebido ordens para não se afastar muito do mar, como recurso adotado contra um possível flanqueamento.

Assim que iniciada a batalha, os mercenários gregos (30.000) fizeram frente à falange macedó-

nica no centro da formação, enquanto os cardaces (60.000), que Arriano considera também hoplitas, atacaram em ambas as alas. Existiam, ainda, milhares de soldados dispostos atrás, justamente porque o terreno não permitia uma extensão da linha de frente. A estimativa de Arriano é de que as forças persas, incluindo as da “reserva”, somassem 600.000 homens, o que parece improvável.

Ainda que o Grande Rei tivesse reunido todas as forças disponíveis no Império, estas não poderiam somar 600.000 homens. Lembra-nos Tarn que em 302-301 a.C.:

No momento em que todos os Estados fizeram um esforço supremo, Macedónia, Grécia, Trácia, Egipto e parte da Ásia (excluindo a Índia), contando mercenários, piratas e Ilírios, havia cerca de 230.000-240.000 homens em armas, dos quais provavelmente metade eram europeus.

Assim, podemos deduzir que o exército de Dario era maior que o de Alexandre, mas dificilmente teria os números apresentados por Arriano.

Com o desenrolar da batalha, Alexandre, posicionado na ala direita, teria surgido com seus

Companheiros, tessálios e macedónios. Vendo que a sua ala esquerda, no entanto, necessitava de reforço, enviou a cavalaria tessália, que deveria dar suporte pelo meio da falange (entre os falangistas). Quando ambos os exércitos estavam próximos um do outro e a ala direita de Alexandre ao alcance das flechas persas, o rei ordenou, então, um ataque em velocidade, na tentativa de reduzir as baixas e causar pânico entre as tropas inimigas.

Conclui-se, a partir de Arriano, que, como não existe outra cavalaria macedónica além daquela formada pelos Companheiros e como Alexandre estava desde o início da batalha na ala direita, os supracitados macedónios, próximos aos tessálios, só podem ser o “tipo especial de infantaria real”. A partir deste ponto, resta saber como a ala direita de Alexandre causou uma brecha na esquerda de Dario, posicionado no centro da formação persa.

A melhor resposta, neste caso, é que tudo ocorreu por meio de uma disciplinada e bem treinada falange macedónica. Embora se possa afirmar que talvez se trate apenas de uma lacuna

no documento, não existe em contrapartida nada que inviabilize a substituição de *to agéma* [...] *tous Makedonas*. Além disso, existem outros fatores que corroboram a hipótese. O terreno é um deles. Arriano empregou a palavra *baden*, o que significa que era mais apropriado para a infantaria do que para a cavalaria (referência para a adequação do terreno em Heródoto 9.57). A marcha dos falangistas macedônicos e da infantaria de elite do exército de Alexandre provocou, pelo choque frontal, o rompimento da formação persa, confirmando o princípio tebano da coluna alongada.

Com a vitória em Isso assegurada, Alexandre pôde desfrutar pela primeira vez da tão criticada luxúria persa, durante uma refeição à mesa de Dario. O carro de guerra e o arco de Dario haviam sido capturados, mas estas não foram as únicas riquezas pessoais que Alexandre tomou como espólio. O destino da mãe, esposa e duas filhas de Dario também estava em suas mãos. O rei, no entanto, decidiu por manter o tratamento régio original, tratando-as com respeito e esposando uma das filhas do Grande Rei.

Com o controle da Ásia Menor veio provavelmente o desejo de conquista do restante do Império Persa, tendo em vista o descontentamento da Fenícia e do Egito, passando-se nesse momento a uma guerra de caráter puramente ofensivo. Ao invés de perseguir Dario, Alexandre optou por destruir o restante das forças marítimas persas, tomando Marato, Damasco, Biblos e Sídon sem maiores problemas. Tiro, todavia, seria outra história.

Ao rei foi recusado o direito de entrar na cidade e lá realizar sacrifícios a Hércules (ou Melkart), uma vez que Tiro não receberia persas ou macedônios como hóspedes, talvez como forma de manter-se o mais neutra possível nesse cenário de conflito armado. Embora tenha sido indicado um templo na antiga Tiro continental, onde Alexandre poderia realizar os sacrifícios desejados, o rei decidiu por iniciar os preparativos do cerco.

Após sete meses de cerco, da forma como previamente explicado no Cap. I (item sobre poliorcética), Tiro finalmente sucumbiu. Durante as últimas semanas de cerco, Alexandre teria recebido uma carta de Dario, por meio da qual o Grande

Rei propunha um acordo de paz. Parménio sugeriu que Alexandre aceitasse os termos, bastante razoáveis se pensarmos o objetivo inicial da expedição asiática, mas o jovem rei recusou, afirmando que o faria “se fosse Parménio”. O tom da carta de resposta a Dario era declaradamente agressivo (ver a seleção do Cap. III) e demonstrava uma provável mudança nos planos originais de Alexandre.

Em 332 a.C., Alexandre dirigiu-se para o Egito, onde foi recebido como aquele capaz de libertá-los dos persas. Proclamado faraó em Mênfis, traçou as primeiras linhas de Alexandria, planejada para substituir Tiro na função de cidade mercantil do Mediterrâneo, e decidiu visitar o oráculo de Amon, situado no oásis de Siwa. O desejo da visita deve ter sido instigado não somente pelo prestígio do oráculo, mas também como imitação do que havia sido feito por Hércules, de acordo com a tradição. Tradição de natureza similar nos informa que Alexandre teria sido guiado no deserto por duas cobras ou dois pássaros, e que fora proclamado filho de Amon pelo sacerdote (resultado natural ao recém-proclamado faraó).

Um ano depois, Alexandre encontrava-se em Tiro e os persas planejavam um ataque decisivo, durante o qual pretendiam empregar o maior número possível das suas tropas montadas em terreno favorável, artificialmente nivelado para o emprego dos carros de guerra (a maior esperança contra a infantaria profissional dos falangistas) e para a execução completa das manobras de cavalaria. De facto, após a vitória de Alexandre em Isso, a infantaria persa mostrou não ser capaz de suportar o choque frontal com a falange macedónica. Restava ao Grande Rei o emprego da cavalaria asiática, comumente aplicada a partir da eficiente tática do duplo envolvimento. Seus cavaleiros, assim como os carros de guerra da Cítia, ainda não haviam sido usados em condições ideais de terreno contra o inimigo desde que ele havia iniciado sua campanha. Gaugamela oferecia ao Grande Rei esta oportunidade e, se considerarmos a batalha de um modo mais amplo, veremos que somente dois fatores evitaram a derrota macedónica em 331 a.C.: (1) a resistência da ala esquerda sob o comando de Parménio, que foi capaz de suportar as investidas poderosas da cavalaria de Mazeu o

tempo necessário para a execução da principal manobra de ataque do exército macedônico; e (2) o ataque veloz e decisivo dos Companheiros na ala direita, a partir do qual o comando persa, estruturado sob a figura do Grande Rei, foi desfeito no momento mais crítico da batalha.

Alexandre contava com aproximadamente 40.000 soldados de infantaria e quase 7.000 cavaleiros. Somados à sua tradicional cavalaria estavam dois novos corpos de cavaleiros mercenários, cada qual sob o comando de Menidas e Andrômacos, além daquele composto pelos odrisianos. Parmênio comandava a ala esquerda, como de costume, onde estavam dispostos os tessálios e a cavalaria aliada (trácios e odrisianos). Na sequência, encontravam-se a falange, os *hipaspistai* e a Cavalaria dos Companheiros, liderada pelo rei.

Na ala direita, formando “três linhas em potencial”, anguladas à frente das principais tropas montadas (como a “Cavalaria dos Companheiros”, à direita da formação), Alexandre contava, na primeira linha, a mais recuada delas, com os agrarianos, comandados por Átalo, com os arqueiros macedônios, sob o comando de Brisão, e com a infantaria

mercenária de Cleandro, irmão de Coeno. À frente desta linha, estavam dispostos os lanceiros, sob o comando de Aretas, e os peónios, comandados por Aristão. Os cavaleiros mercenários de Menidas formavam a terceira linha de ataque, diretamente contra o primeiro ataque persa.

Na ala esquerda, seguindo a mesma formação das “linhas em potencial”, Alexandre dispôs duas linhas de cavalaria (os mercenários de Andrômaco e os aliados, trácios e odrisianos) e uma de infantaria (composta pelos dardeiros trácios e pelos arqueiros cretenses e infantaria mercenária aquéia).

O centro da formação macedónica, que foi capaz de suportar as investidas persas até o momento mais crítico da batalha, era composto, da direita para a esquerda, pelos *hipaspistai*, sob o comando de Nicanor, seguidos pelos batalhões de Coeno, Perdicas, Meleagro, Polipércon, Simmias e Cratero. Ao lado dos batalhões, guardando seus pontos mais frágeis, estavam dispostos, como de costume, os Companheiros à direita, sob o comando do próprio rei, e os tessálios, apoiados pelos aliados gregos.

Alexandre iniciou a batalha com o avanço dos seus Companheiros à direita, o que provocou uma resposta imediata do Grande Rei. Os 1.000 cavaleiros bactrianos e, de acordo com Cúrcio, o regimento de Dahae (também em número de 1.000), foram enviados para conter os macedónios. Os persas queriam forçar a batalha exatamente ali onde os exércitos foram dispostos, uma vez que o estado artificialmente plano do solo permitiria o emprego dos carros de guerra citas, sem mencionar o tradicional ataque visando o duplo envolvimento.

Menidas foi enviado para liberar os Companheiros da defensiva, causada pela resposta de Dario, mas os cavaleiros mercenários (uma pequena força de 400) não foram capazes de contê-la, tendo o rei que enviar os peónios, os mercenários de Cleandro e os *prodromoi* de Aretes. Em contrapartida, Besso enviou o restante dos bactrianos.

Enquanto isso ocorria, os carros de guerra citas foram enviados contra o próprio Alexandre, mais provavelmente contra o centro da formação macedónica, ação que não obteve sucesso, já que foram bloqueados por metade dos agrianianos e pelos

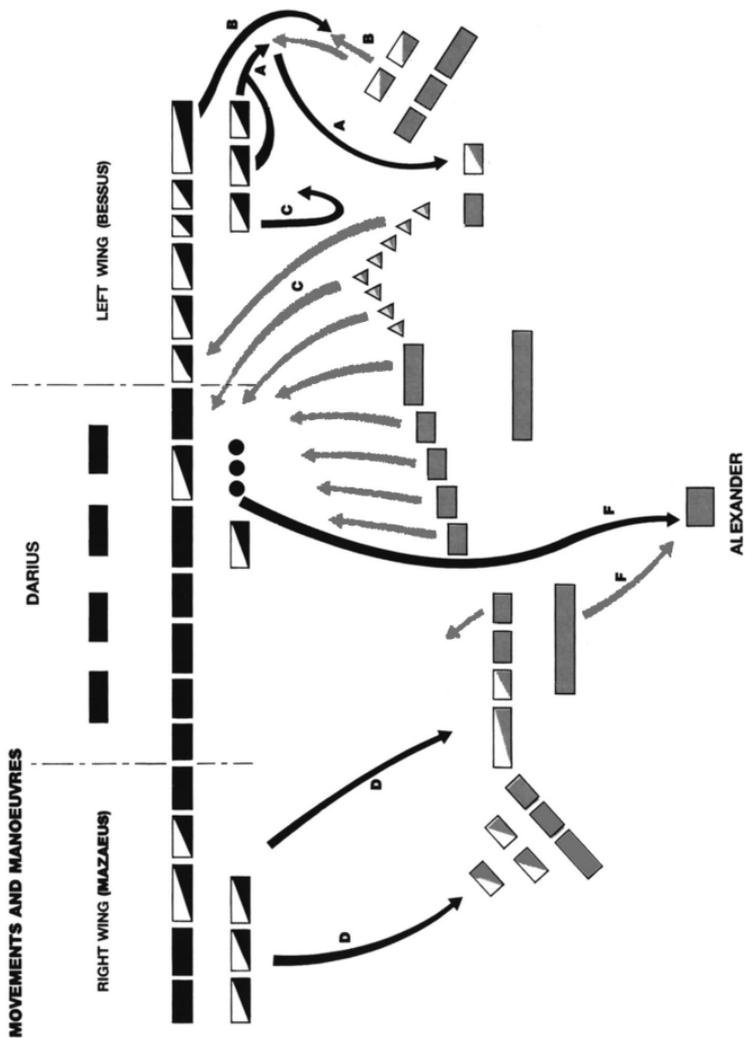
dardeiros de Balacro, dispostos mais adiante com o objetivo de dar cobertura para os Companheiros. Os carros de guerra que ultrapassaram o bloqueio não surtiram efeito sobre os *hipaspistai*, que abriram a formação e os deixaram passar por entre as fileiras, sobrepondo-se a eles.

Sendo a ala direita de Alexandre vitoriosa, um espaço foi aberto na formação persa, bem ao lado do Grande Rei. As tropas enviadas para conter o avanço dos Companheiros de Alexandre fracassaram e os persas não possuíam mais tropas capazes de deter a cavalaria de elite macedônica disposta no flanco esquerdo de Dario. Neste momento, Alexandre liderou a “Cavalaria dos Companheiros” em “formação de seta”, juntamente com parte da falange, diretamente contra o Grande Rei. Restava a Dario a retirada forçada ou a permanência fatal em campo de batalha.

Enquanto isso, na ala esquerda macedônica, Mazeu pressionava Parménio com seus cavaleiros capadócijs. Os tessálios, atacados por todos os lados, não puderam resistir à cavalaria capadócia, enquanto os batalhões posicionados à esquerda do exército permaneceram impedidos de prosseguir

o avanço. Como os batalhões ao centro continuavam o ataque, um espaço foi claramente aberto entre o centro e a esquerda macedônica (entre Simmias e Polipércon). A cavalaria persa investiu sobre este ponto, seguida pelos partos e por alguns cavaleiros indianos. A falange macedônica foi, definitivamente, cortada ao meio.

A esta altura, Parmênio solicitou auxílio a Alexandre, que se viu obrigado a socorrê-lo em prol da preservação das suas tropas. O rei macedônico tinha, nesta ocasião, duas opções: se levasse adiante a perseguição ao Grande Rei, arriscaria perder todo o seu exército, mas se retornasse para auxiliar seus homens, Dario escaparia. Alexandre decidiu voltar, mas durante a sua “operação de auxílio” um choque inesperado com parte das cavalarias persa, parta e indiana provocou diversas baixas nos Companheiros. Por último, provavelmente quando a fuga do Grande Rei foi noticiada entre o exército, Mazeu e suas tropas debandaram, também devido ao fôlego recobrado pelos tessálios. Após a derrota sofrida em Gaugamela, o exército persa não mais se pôde reorganizar como força expressiva contra Alexandre e os gregos.



Batalha de Gaugamela, 331 a.C. In: Hackett, John (org.). *Warfare in the Ancient World*. London, 1989, p. 122

Com relação às táticas empregadas em Gaugamela, a primeira observação que gostaria de fazer diz respeito ao emprego da formação oblíqua. Desde as apropriações prussianas da figura de Alexandre como modelo para a construção de um império e do famoso alexandrismo de Tarn², consolidado desde os anos 30, podemos encontrar facilmente constantes associações das batalhas travadas durante a *Anábasis* de Alexandre com as inovações ou com a “sensibilidade tática” do seu gênio militar. Tal posicionamento por vezes induz a anacronismos ou mesmo a exageros acerca do controle que o rei macedônico possuía do desenrolar da batalha. Sem dúvida, a formação oblíqua não é um caso de anacronismo, já que era conhecida desde Epaminondas, ou mesmo antes. Mas é preciso observar com cuidado se haveria mesmo um planejamento do ataque oblíquo por

² São muitos os passos emblemáticos: “The Persian command had been making a serious effort to get together an army that might have some chance of defeating Alexander. It was a hopeless task to improvise in a year and a half a force fit to meet a professional army commanded by a genius”. (Tarn, *Alexander the Great*. Cambridge, 1948, p. 45).

parte de Alexandre, ou se este seria apenas uma consequência do rumo que a batalha tomou (conforme me parece, se levada em consideração a reputação e função tática da cavalaria capadócia).

A minha hipótese é que Alexandre não pretendia realizar um ataque oblíquo. O bloqueio da sua ala esquerda pelo ataque da cavalaria persa, combinado com o avanço vitorioso dos seus batalhões posicionados no centro, dão uma boa ideia de que isso pode de facto ter ocorrido. Além do mais, como responder ao rompimento do exército de Alexandre em dois, após a poderosa carga de cavaleiros persas? Os espaços foram abertos pelo curso da batalha, nomeadamente pela vitória macedónica na ala direita, por seu avanço no centro e por seu fracasso em conter os cavaleiros de Mazeu na ala esquerda (apesar das “linhas em potencial”). Uma vez que há nas fontes uma confusão com relação à ordem dos ataques, somente a referência ao movimento inicial de Alexandre para a direita (Arr. 3.13) não é suficiente para comprovar uma formação oblíqua planejada, a julgar pelo reforço de tropas adiantadas e compostas pelas “linhas em potencial” em ambas as alas.

Outra questão importante sobre as táticas está ligada à tradicional dupla ofensiva persa, suportada pelo poderoso ataque dos carros de guerra ao centro. Esta tática permitiria ao Grande Rei, não fossem as medidas tomadas por Alexandre e seus comandantes, a destruição do centro da formação e um duplo envolvimento, ocasionado pelo ataque da superior cavalaria persa. Entretanto, os macedônios empregaram táticas eficientes contra os carros de guerra ao centro, assim como unidades móveis de defesa nas alas, as quais poderiam ter a defesa renovada a partir da combinação das suas “linhas em potencial”. Tais unidades móveis, entretanto, apenas puderam conter o ataque persa até o momento em que os Companheiros executaram a manobra principal da batalha de Gaugamela, o que demonstra, no caso mais decisivo da curta história do império de Alexandre, a transformação da função tática da cavalaria na guerra grega.

A vitória dos macedônios em 331 a.C. consolidou, então, um dos pontos-chave para a compreensão da arte da guerra helenística (e da sua “matriz macedônica”): as manobras de cavalaria quase sempre foram utilizadas como parte central

do ataque decisivo ou da ofensiva helenística em campo de batalha, sendo acompanhadas ao centro por uma infantaria defensiva especializada no choque frontal (ainda que em muitos casos provinda das regiões orientais do império e treinadas ao modo grego). Outro aspecto peculiar a essa cultura militar era a proteção dos flancos por elefantes, sempre mesclados com uma infantaria de defesa levemente armada (essencial para um contra-ataque). Em Gaugamela, o tempo de execução das manobras dos Companheiros foi exato, se considerarmos que a fuga do Grande Rei provocou a desistência de todo o exército restante (em especial de Mazeu e sua cavalaria) no momento mais crítico da batalha, isto é, quando a falange macedônica foi dividida em dois (embora sua formação fosse grosseiramente mantida) e a ala esquerda, sob comando de Parmênio, não podia mais suportar a pressão. Ainda que a infantaria tenha demonstrado grande capacidade de resistência, foram os Companheiros que provocaram a fuga do Grande Rei e desestabilizaram toda a cadeia de comando persa (ou ao menos o ponto-chave de seu moral).

Após a derrota persa em Gaugamela, os macedónios partiram para a Babilónia. Com a mesma generosidade que os babilónios receberam Alexandre, Mazeu foi recebido pelo rei vitorioso. De facto, Mazeu havia sido proclamado sátrapa da Babilónia por Alexandre, embora o comando militar e o controle financeiro tenham permanecido nas mãos de um macedónio. Em seguida, ao derrotar os Uxii, Alexandre deparou-se com os grandiosos Portões Persas, os quais se encontravam protegidos por Ariobarzanes. Sendo a investida frontal ineficaz, tamanha a força da defesa persa, Alexandre deixou Cratero nos portões e forçou uma marcha de alguns dias pela neve, até encontrar um caminho alternativo que o levasse para a retaguarda do sátrapa, incapaz de resistir ao ataque duplo. Ao passar pelos Portões Persas, Alexandre encontrou Persépolis e seus magníficos palácios, tendo incendiado talvez o mais importante deles (ver seleção de fontes no Cap. III).

Ecbatana foi o próximo destino de Alexandre, que havia já deixado de ser o líder dos gregos na guerra contra a ameaça persa para se tornar o rei dos macedónios e dos persas. Os tessálios e demais

aliados gregos foram enviados de volta para casa, e Alexandre iniciou uma série de nomeações entre os persas, talvez como forma de tentar conciliar a desgraça militar prévia que haviam sofrido com a presença definitiva dos ocidentais.

Dario havia sido recebido por Besso, sátrapa da Bácia, após a sua derrota em Gaugamela. Os sátrapas das regiões mais orientais pareciam não ter aceitado muito bem a derrota de Dario como o verdadeiro fim do Império. Ao invés disso, eles enxergaram no fracasso de Dario a chance de fazer emergir um novo poder, centrado na figura de Besso. No momento em que Alexandre avistou Rhagae, após uma marcha forçada de Ecbatana, uma notícia de usurpação do poder veio à tona. Besso, Barsaentes e Nabarzanes depuseram Dario, fazendo dele prisioneiro. O império ainda não havia sido conquistado em plenitude; alguns sátrapas recusaram a autoridade de Alexandre, de forma semelhante ao que farão alguns *warlords* celtas em relação à autoridade romana na Gália alguns séculos depois.

A reação dos descontentes, contudo, não se mostrou suficientemente organizada. Ao saber da

usurpação liderada pelos sátrapas supracitados, o rei macedônico decidiu marchar com um pequeno exército, mas ainda assim capaz de conter a revolta sem problemas. Durante a marcha, chegou a Alexandre a notícia sobre a desistência de boa parte do exército revoltoso. Besso, Barsaentes e Nabarzanes tornaram-se agora fugitivos, vivendo em acampamentos improvisados. Diante do inevitável encontro com as tropas de Alexandre, os sátrapas decidiram apunhalar Dario e deixá-lo moribundo em pleno deserto. As fontes nos relatam que esse foi o estado em que os macedônios encontraram Dario, ex-rival de Alexandre, coberto em manto de cor púrpura e enviado a Persépolis para o funeral por ordens do jovem rei.

2. A Conquista do Oriente distante

Com a morte oficial de Dario e o fracasso inicial do que poderia ter sido uma poderosa revolta dos sátrapas das regiões mais orientais do Império, Alexandre tornou-se o novo Grande Rei, embora tivesse mantido a preocupação em se

afirmar como líder da aliança helénica contra os persas entre os gregos. O fim dos aqueménidas veio de uma derrota militar, e essa era, por consequência, a natureza da monarquia de Alexandre. O direito de cunhar moedas como rei e o princípio da “terra vencida pela lança” permanecerão como duas das principais características da monarquia de tipo helenístico, vista como desdobramento natural do que produziu a experiência histórica de Alexandre. A partir da aquisição do título de Grande Rei por Alexandre, o direito de conquista militar terá mais relevância na coroação dos reis do que propriamente o direito ao trono pela legitimidade ou ascendência.

Tendo suprimido momentaneamente a revolta mal-sucedida de Besso, Alexandre moveu-se ainda mais para leste. Rapidamente havia conquistado as satrapias de Tapuria, Pártia e Hircania, bem como submetido os seus governantes. Deve estar claro que a partir daquele ponto Alexandre estava lidando com regiões até então desconhecidas pelos gregos. Ao chegar em Meshed, Alexandre obteve a submissão de Satibarnazes, provavelmente ao mesmo tempo em que Besso, com o suporte dos

bactrianos, se havia auto-proclamado Grande Rei. Com um problema estratégico em mãos, qual seja, o de não poder invadir a Bactria sem antes pacificar parte da satrapia de Barsaentes, Alexandre teve que retornar e adentrar a região de Drangiana, até eliminar de vez a resistência do penúltimo dos três revoltosos iniciais (os assassinos de Dario)³.

A punição seguinte, todavia, deu-se entre os macedônios. Circulava entre o exército a notícia de uma tentativa de usurpação liderada por um desconhecido (certamente um dos homens de Alexandre), e que contava com o apoio de Amintas (o líder da falange), de certo Demétrio e também com o silêncio de Filotas, filho de Parménio. Filotas era o general dos Companheiros, o segundo homem no comando da principal força ofensiva do rei. De acordo com os costumes, Filotas foi julgado pelo exército, que o considerou culpado e o condenou à morte. Este foi, sem dúvida, o golpe final para a decadente família de Parménio, talvez o homem mais importante entre os macedônios depois do próprio rei nos tempos de Filipe, pai de

³ Nabarzanes a essa altura havia sido perdoado por Alexandre.

Alexandre. Deixado para tratar das comunicações, sem o prestígio que anteriormente tivera entre a realza, o velho general teve não somente de ver a perda de seu prestígio pessoal, mas também de assistir à morte de seu filho por aquele que frequentemente ignorava seus conselhos e que o havia abandonado até o último instante em Gaugamela. Restava a Parménio somente uma tentativa de revolta contra o seu rei, mas talvez estivesse velho ou abatido demais para isso. Alexandre planejou a sua morte, que foi consumada tão friamente quanto um assassinato programado. Esta foi a decisão de Alexandre, certamente por julgar não poder arriscar um levantamento do comandante mais experiente de seu exército.

O comando dos Companheiros foi delegado a Hefesto e Clito, ambos feitos *ipparcas*, e mais uma Alexandria foi criada (*Alexandria Prophthasia*, ou “Antecipação”, como forma de se referir à conspiração recém-descoberta). Em seguida, Alexandre submeteu as satrapias de Carmania e Gedrosia, restando somente a Arachosia. Esta última foi deixada sob o encargo de um dos homens de Alexandre, uma vez que o rei precisava atravess-

sar o Cáucaso o mais rápido possível. A Bactria estava logo do outro lado, e Besso aguardava por Alexandre em Aornos com cerca de 7.000 bactrianos, tropas aliadas de Sogdiana, na ocasião sob o comando de Oxiartes e Spitamenes, e uma força de cavalaria do deserto, conhecida como “os cavaleiros de Dahae” (modestamente empregados em Gaugamela).

Ao tomar caminhos alternativos, mesmo tendo submetido seus homens a condições bastante adversas, Alexandre forçou uma mudança indesejada no posicionamento de Besso, que foi obrigado a fugir para Oxus. Os bactrianos entregaram-se e Artabazus foi proclamado sátrapa da Bactria pelo Grande Rei. No rastro de Besso, os macedônios partiram para Oxus, de onde tomaram conhecimento que Spitamenes havia aprisionado Besso e planejava entregá-lo aos macedônios (ainda que não tenha ele mesmo permanecido com Besso até o fim).

Em seguida, Alexandre ocupou Maracanda e partiu para além do forte de Cirópolis, fronteira do Império Persa. Passado o forte de Cirópolis, encontravam-se somente sete fortes deixados pelos persas, como mecanismo de defesa contra

possíveis investidas nômadas, os quais Alexandre ocupou com mercenários gregos. Os comandantes persas de Sogdiana logo se revoltaram contra os macedônios; o forte principal em Cirópolis foi destruído, assim como os sete outros fortes. Somado ao levante que afetou Cirópolis e os fortes, Spitamenes havia-se rebelado e sitiado Maracanda. Diante de todo o ocorrido, podemos seguramente dizer que se tratava de uma guerra “nacional”, promovida por uma região inteira, organizada em critérios de identificação local, contra um rei estrangeiro intencionado em subjugá-los. Talvez Alexandre ainda não tivesse conhecimento disso, mas certamente o percebeu com a insistência de Spitamenes e o constante suporte que recebia. Em 329/8 a.C., o rei ordenou, então, a construção de uma verdadeira rede de comunicações em Sogdiana, amplamente fortificada no intuito de suprimir qualquer revolta com o máximo de aproveitamento logístico. Esta era, sem dúvida, a forma de defesa mais eficaz contra as “táticas do deserto”, pautadas no esgotamento das forças inimigas por investidas esporádicas e sem objetivos decisivos.

Com o término das revoltas sogdianas veio o delicado episódio de Clito, o Negro. Durante uma refeição servida com bastante vinho, o estado de embriaguez dos macedónios levou ao desentendimento fatal entre Alexandre e Clito. A causa da discórdia é algo polémica, mas provavelmente remonta à comparação indevida de Alexandre a Filipe II, bem como à exaltação dos feitos dos generais macedónios em detrimento do que havia sido conquistado por Alexandre. Pode-se somar a isso uma série de comportamentos excessivos provocados pelo álcool e sentimentos de dois homens que tinham assuntos pendentes para resolver. Embora Ptolomeu se tenha esforçado para retirar Clito do salão e levá-lo para longe, os gritos continuaram e Alexandre descontrolou-se por completo: num movimento rápido tomou a lança de um dos guardas que o detinha e perfurou Clito, momentos após ter gritado “Clito! Cá estou, Clito, Alexandre!” (Arr. 4.8). Após o descontrole, veio o remorso. Alexandre trancou-se por dias, chamando por Clito, sem se alimentar regularmente.

A tentativa de introdução da genuflexão (*proskynesis*) consiste noutra grave problema entre os

macedónios, precisamente entre o rei e Calístenes, o historiador da expedição. Apenas alguns macedónios viram o costume persa como algo aceitável entre gregos, mas Calístenes foi o único a falar abertamente com Alexandre, argumentando que costumes asiáticos deveriam permanecer restritos aos asiáticos (certamente algo com que Aristóteles concordaria). Seguido à insatisfação de Alexandre com as palavras de Calístenes surgiu mais uma conspiração, dessa vez tendo o próprio Calístenes como cabeça. Certo Hermolaus, de quem o historiador havia sido tutor, levou adiante uma tentativa de assassinato de Alexandre, tendo o apoio de alguns amigos. A conspiração foi descoberta e Calístenes morto, sem a certeza absoluta de que ele havia encabeçado a revolta. Na mais favorável das situações, ele havia instigado a conspiração ao ensinar as virtudes de “destronar um tirano”.

Tendo-se recuperado da morte de Clito, alguns meses antes da conspiração dos Pajens ser deflagrada, Alexandre tinha ainda que derrotar quatro generais em Sogdiana: Oxiartes, Chorienes, Catanes e Austanes. Após derrotar o primeiro deles, Alexandre esposou sua filha, Roxana, talvez

no que se constituiu como uma estratégia política para apaziguar possíveis revoltas locais.

O próximo passo de Alexandre seria em direção à Índia. Renovado pela chegada de um batalhão europeu (sob o comando de Clito, o Branco) e com a criação de um batalhão a mais pelo recrutamento e treinamento de forças nativas, os macedônios estavam prontos para a marcha rumo ao desconhecido. A esta altura grandes mudanças táticas foram realizadas, como mencionadas no Cap. I; o exército de Alexandre era agora uma arma mais adequada às condições ímpares do oriente distante.

Em 327 a.C. Alexandre dirigiu-se ao Indo, partindo da Bactria. Ao encontrar-se com o novo governante de Taxila, recebeu elefantes, os quais ele nunca usou em batalha, e o total apoio de um povo que certamente temeria qualquer força superior à sua própria. Após isto, Alexandre tomou Ora, Bazira, Pushkalavati (Peucela) e Aornos, tendo finalmente atravessado o Indo em 326 a.C.. Ali os macedônios se deparariam com a mais temível máquina de guerra já vista pelos seus contemporâneos: o elefante de combate.

Poros, rei de um território que se estendia do Hidaspes ao Acesines, sabia da presença macedónica e aguardava por Alexandre às margens do Hidaspes, com um exército composto por cerca de 200 elefantes indianos, usados basicamente para barrar a travessia dos cavaleiros, infantaria e 4.000 cavaleiros. Como havia feito anteriormente, Alexandre optou por deixar parte do exército sob o comando de Cratero às margens do rio enquanto ele próprio, no comando de parte dos Companheiros, de mais de 5.000 cavaleiros arqueiros e cerca de 10.000 soldados de infantaria, incluindo os *hipaspistai*, buscava um ponto alternativo de travessia para o acampamento de Poros. O rei indiano, no entanto, acompanhou a travessia de Alexandre, tendo deixado às margens do rio somente os elefantes necessários para impedir a travessia de Cratero.

A batalha entre Alexandre e Poros mostrou-se totalmente diferente de todas as demais travadas pelos macedónios, lembram-nos alguns historiadores. Fugindo ao plano inicial de um ataque integrado, desta vez os cavalos recusavam-se a aproximar-se dos elefantes. Somente os cavalos

treinados na presença de elefantes, neste caso os cavalos do rei indiano, poderiam ser comandados num ataque conjunto. Alexandre teria que vencer a cavalaria indiana e torcer para que a infantaria ao centro resistisse bem ao avanço dos paquidermes. A tática era relativamente simples: Coenus, situado na ala direita com Alexandre, simulou um avanço em direção à ala esquerda, onde estavam situados os cavaleiros arqueiros, como forma de dar suporte à ala que poderia estar em apuros, instigando a cavalaria de Poro (na sua ala esquerda) a atacar Alexandre e suas duas *ipparchias*. Enquanto isso ocorria, Coenus daria meia volta e teria a chance de atacar a retaguarda da cavalaria de Poro. Assim, Alexandre e Coenus puderam atacar os cavaleiros indianos pela frente e pela retaguarda, sendo os mesmos obrigados a buscar abrigo imediato atrás dos elefantes. Ocorrido isto, o choque entre os elefantes e a infantaria macedônica teve lugar num embate violento. O caráter inquebrável da formação falangista permitiu a vitória sobre os elefantes, embora muitos homens tenham perecido em batalha. Poro foi perseguido por Cratero (que a essa altura já havia cruzado o rio) e tratado como

o prisioneiro régio que era, antes de se tornar um poderoso aliado de Alexandre. O impacto psicológico que os elefantes provocaram nos macedónios é digno de nota: Seleuco, por exemplo, tomou elefantes como sua “arma nacional” e como símbolo da sua dinastia.

Em seguida, Alexandre fundou mais duas cidades, uma delas em comemoração à vitória (Alexandria *Nicaea*) e outra em honra do seu cavalo Bucéfalo (Alexandria *Bucephala*), que havia perecido em batalha, e liderou algumas campanhas mais no oriente distante. Seus homens negavam-se a ir adiante, tanto pela notícia que receberam sobre povos com elefantes enormes (o que no momento não lhes servia como o mais apropriado dos convites) quanto pelo desejo de voltar para casa. O Império Persa havia sido conquistado antes mesmo de Poro; sua missão estava cumprida há muito tempo. Sem o suporte do exército e com a sua força já bastante dividida entre as linhas de comunicação, Alexandre não poderia arriscar seguir com tropas indianas, sobre as quais ele conhecia tão pouco. Talvez ele estivesse igualmente cansado, nunca saberemos.

Por fim, após erguer os famosos doze altares (um para cada deus Olímpico), Alexandre liderou uma última campanha, precisamente contra um povo chamado Mali, situado mais a oeste do Hidaspes. Durante o cerco de uma cidade da região, provavelmente no momento mais caloroso da batalha, Alexandre escalou as muralhas juntamente com alguns dos seus homens, e por esse ato descuidado quase perdeu a vida. Um projétil acertou-lhe no peito, sendo necessária a proteção de dois dos Companheiros para a remoção do rei. Alexandre não estava mais tão criterioso como antes, chegando ao ponto de a audácia superar o bom senso em situações nas quais o seu raciocínio normalmente funcionava tão bem.

Ainda em 325 a.C. Alexandre realizou a sua marcha através do sul da Gedrosia. Durante o percurso, macedônios foram encarregados de liderar projetos de novas Alexandrias e portos, sempre com o apoio da parte do exército deixada por Alexandre como suporte bélico. Esse foi o caso de Leonnato, encarregado de terminar o porto de Cocala, tendo sob seu comando agrarianos, arqueiros, cavaleiros e mercenários. Mas o projeto

de um novo Império unificado (de natureza igualmente tributária) não poderia ser posto em prática com tamanha eficiência logo após o fim de uma dinastia há muito estabelecida como legítima entre os persas. O novo Grande Rei estava a tornar-se vítima de revoltas contínuas em diversas partes do Império; usurpadores em potencial emergiam na Média e na Carmanía, tomando com eles centenas de mercenários; templos eram saqueados, haras reais roubados. Para muitos, direito de conquista não representava direito de governo.

Apesar de todos os problemas internos, os quais foram parcialmente solucionados, especialmente a revolta dos sátrapas, uma grande cerimónia ocorreu em Susa, durante a qual Alexandre e 80 dos seus oficiais esposaram mulheres da aristocracia persa. Da mesma forma, cerca de 10.000 de seus homens esposaram suas respectivas concubinas. Esta era certamente uma tentativa de consolidar o seu projeto de unificação, bem como uma maneira de amenizar descontentamentos locais. Se, por um lado, os persas estavam contentes com as medidas unificadoras de Alexandre, os macedónios, por outro, mostraram-se hostis quanto à adoção de medidas cada vez mais orientalizantes, tal como o

uso da vestimenta persa por Alexandre e Peucestas. Eles esposaram as nativas, mas não se mostraram capazes de aceitar a introdução de nobres persas no esquadrão real ou mesmo o alistamento de asiáticos nas *ipparchias*. Outro grande problema era o treinamento de cerca de 30.000 soldados persas de infantaria nos costumes gregos. O exército obviamente revoltou-se, com exceção do corpo de elite, e Alexandre viu-se obrigado a enviá-los (pelo menos a maioria deles) para casa, no mesmo ano em que um dos Companheiros, Hefesto, faleceu.

Os últimos planos de Alexandre envolvem o estabelecimento de uma possível rota marítima entre a Índia e a Babilónia, razão pela qual Nearco foi enviado como explorador do Golfo Pérsico. Fontes antigas cogitam a ideia de o próprio rei ter interesse em explorar melhor a região da Arábia, acerca da qual tão pouco era sabido na época. Facto é que Alexandre tentou compreender melhor o funcionamento do sistema de irrigação do Eufrates, mas logo em seguida foi tomado por uma febre, que o impossibilitou de ir adiante com os seus planos. Alguns dias depois o rei dos macedónios e persas faleceu, em 323 a.C., aos 33 anos de idade. Perece o homem, permanece o Império.

(Página deixada propositadamente em branco)

III. O ALEXANDRE DOS ANTIGOS: BREVE SELEÇÃO DE FONTES

1. As origens da guerra de Alexandre contra os persas: início, causa e pretexto em Políbio

[...] Pode-se dizer da mesma forma que a travessia de Alexandre para a Ásia foi a causa da Guerra Greco-Pérsica, e que a chegada de Antíoco III em Demetrias foi a causa de sua guerra com Roma, mas nenhuma das duas assertivas é plausível ou verdadeira. Ninguém pode chamar essas ações de causas dessas guerras – no primeiro caso, muitos preparativos e planos para a Guerra Greco-Pérsica tinham sido feitos anteriormente por Alexandre, e alguns deles até por seu pai, Filipe II, quando ele ainda estava vivo, e de maneira similar pelos etólios, no segundo caso, mesmo antes da chegada de Antíoco. Tal terminologia é usada por aqueles que não podem compreender quão grandiosa é a distinção entre *início*, *causa* e *pretexto*, e que falham em ver que a *causa* é o primeiro elemento numa sequência de eventos dos quais o *início* é o último deles. Minha interpretação é que a palavra

início deveria fazer referência à primeira tentativa de levar a cabo um plano que já tinha sido decidido, e que a palavra *causa* deveria fazer referência aos eventos que influenciam nossos propósitos e decisões. [...] A primeira causa verdadeira foi a marcha de retorno dos gregos sob Xenofonte através das satrapias superiores, durante a qual eles atravessaram toda a Ásia, mas nenhum dos bárbaros ousou desafiá-los, ainda que eles estivessem em território hostil. A segunda causa foi a invasão da Ásia pelo rei espartano Agesilaus, durante a qual ele não encontrou nenhuma oposição séria às suas incursões, ainda que tenha sido forçado, devido aos distúrbios na Grécia, a abandonar o seu projeto e retornar para casa. Todos esses fatores convenceram Filipe II da covardia e indolência dos persas, em oposição a sua eficiência (e dos demais macedônios) na guerra. Ele pôde ver também a magnitude e o esplendor das recompensas que poderiam ser esperadas como resultado da guerra, bem como a popularidade que ele traria diante dos gregos. Ele, portanto, inventou o *pretexto* de vingar as injúrias infligidas aos gregos pelos persas e canalizou suas energias para as preparações intensivas da guerra. Nós devemos, portanto, considerar os eventos mencionados como a *causa* da guerra contra os persas em primeiro lugar, o *pretexto* em segundo lugar e o *início* da guerra como sendo a travessia de Alexandre para a Ásia.

Políbio 3.6 (texto com omissões); Austin n. 2

2. O exército de Alexandre em números

Quanto ao tamanho de seu exército, os escritores que fornecem os números mais modestos mencionam 30.000 soldados de infantaria e 4.000 cavaleiros, ao passo que aqueles que fornecem os números mais altos mencionam 43.000 soldados de infantaria e 5.000 cavaleiros.

Plutarco, Vida de Alexandre 15; Austin n. 4

[...] Alexandre avançou com seu exército rumo ao Helesponto e o transportou da Europa por toda a Ásia. Quanto à infantaria, contavam-se 12.000 macedónios, 7.000 aliados e 5.000 mercenários. Parménio comandava todos eles. Eles eram acompanhados por 7.000 odrisianos, tribalos e ilírios, além de 1.000 arqueiros e dos chamados agrianianos. O total da infantaria era de 30.000. Quanto à cavalaria, contavam-se 1.800 macedónios sob o comando de Philotas, filho de Parménio, 1.800 tessálios comandados por Callas, filho de Harpalus, um total de 600 outros gregos, comandados por Erigius, e 900 batedores trácios e peónios, os quais tinham Cassandro como comandante. O número total da cavalaria era 4.500. Este era o tamanho do exército que marchou rumo a Ásia com Alexandre.

Diodoro 17.17; Austin n. 4

3. “Dirija-se a mim como senhor da Ásia e não me trate como se fôssemos iguais”: a carta de Alexandre a Dario após a batalha de Isso (333 a.C.)

Enquanto Alexandre se encontrava em Marathus chegaram-lhe mensageiros de Dario com uma carta e um pedido de libertação da mãe, esposa e filhas de Dario. A carta mencionava a amizade e a aliança entre Filipe e Artaxerxes, e apresentava Filipe como primeiro agressor contra Arses, filho de Artaxerxes, no momento de sua ascensão ao trono persa, ainda que nenhum dano tivesse sido feito por parte dos persas. Desde a ascensão do próprio Dario, Alexandre não enviou qualquer mensageiro para confirmar as velhas amizade e aliança; ao invés disso, atravessou a Ásia com um exército e provocou grandes danos aos persas. Este era o motivo pelo qual Dario havia aparecido para defender o seu império e preservar o seu governo ancestral. A batalha foi decidida como por vontade divina, mas ele estava pedindo, de um rei para outro, a libertação de sua mulher, mãe e filhas, e estava disposto a fazer um acordo com Alexandre e se tornar seu aliado. Ele pediu que Alexandre enviasse mensageiros para acompanhar os emissários persas, Menisco e Arsimas, e trocassem garantias mútuas.

Alexandre esboçou uma resposta a essa carta e enviou Thersippus para acompanhar os mensageiros de Dario, com instruções para entregar a

carta a Dario, mas não entrar em quaisquer negociações. A carta de Alexandre lê-se da seguinte maneira: “seus ancestrais invadiram a Macedônia e o restante da Grécia e nos causaram danos, ainda que nós não tenhamos praticado nenhuma injúria prévia. Eu fui eleito *hegemon* dos gregos e é com o objetivo de punir os persas que eu atravessei a Ásia, sendo vocês os agressores. [...] Meu pai morreu nas mãos de conspiradores instigados por vocês, como vocês próprios ostentam em suas cartas; Arses foi morto com a ajuda de Bagoas e ascendeu ao trono por meios injustos, em desobediência ao costume persa e causando mal aos persas. Você enviou cartas hostis aos gregos sobre mim, encorajando-os a fazer guerra contra mim, e enviou dinheiro aos espartanos e outros gregos, o que nenhuma outra cidade aceitaria com exceção dos espartanos. Seus mensageiros corromperam meus amigos e tentaram destruir a paz que eu estabeleci entre os gregos. Por esses motivos eu liderei uma expedição contra você, e você começou a guerra. Mas agora eu derrotei em batalha primeiramente os seus generais e governantes, e em seguida você em pessoa e o seu exército, e pela graça dos deuses eu controlo o império. Todos aqueles que lutaram ao seu lado e não pereceram em batalha vieram até mim, e eu me tornei responsável por eles; eles não estão do meu lado por coação, mas tomaram parte da expedição por vontade própria. Aproxime-se de mim, portanto, como senhor de toda a Ásia. Se você teme que eu lhe faça mal com minhas próprias mãos ao

vir em pessoa, envie alguns de seus amigos para receber garantias adequadas. [...] Daqui por diante, em qualquer ocasião que você se comunicar comigo, trate-me como rei da Ásia; não se dirija a mim como se fôssemos iguais, mas direcione os seus pedidos ao senhor de todas as posses que outrora foram suas. Do contrário, eu lhe tratarei como um malfeitor. Se você deseja clamar o título de rei, então estabeleça a sua posição e lute por ela; apenas não fuja, pois eu o perseguirei onde quer que você esteja”.

Arriano 2.14 (texto com omissões); Austin n. 7

4. A fundação de Alexandria (332/1 a.C.)

Alexandre veio até Canopus, navegou ao redor do lago Mareotis e ancorou no local onde hoje fica a cidade de Alexandria, que assim foi chamada após Alexandre. O local lhe parecia o mais favorável para a fundação de uma cidade, e ele considerou que a mesma seria próspera. Ele foi, portanto, tomado por um desejo de concretizar a tarefa, tendo marcado ele mesmo as principais partes da cidade, a localização da ágora, o número de santuários que deveriam existir e de quais deuses, dos deuses gregos e da Ísis egípcia, e a extensão da muralha da cidade. Ele ofereceu sacrifícios, e os presságios surgiram favoráveis.

[...] Um dos construtores sugeriu que Alexandre usasse a provisão que os soldados carregavam em potes, despejando-a no local indicado pelo rei. Assim, a circunferência da cidade estaria marcada de acordo com as vontades do rei. Os profetas, em especial Aristander de Telmessus, que havia feito muitas profecias corretas para Alexandre, refletiu sobre a ação e declarou que a cidade seria próspera em tudo, particularmente na produção agrícola.

Arriano 3.1 (texto com omissões); Austin n. 8

5. O oráculo de Amon (332/1 a.C.)

A essa altura Alexandre planejava visitar Amon na Líbia; sua intenção era consultar o deus, dada a reputação do oráculo de Amon em ser verdadeiro e por terem Perseu e Hércules feito o mesmo, o primeiro deles quando Polidectes o enviou contra o Gorgon, o último quando o mesmo encontrava-se em sua jornada na Líbia e no Egito em busca de Antaeus e Busiris. Alexandre desejava rivalizar Perseu e Hércules, uma vez que era descendente de ambos e que procurava remontar o seu nascimento até Amon, da mesma forma que a mitologia remonta o nascimento de Herácles e Perseu a Zeus. Ele foi até Amon com esse estado de espírito, com a intenção de encontrar mais

coisas certas sobre as suas origens ou reivindicar o que ele tivesse encontrado. A jornada junto à costa até Paraetonium se deu no deserto, ainda que não tenha sido sem água ou territórios habitados por uma distância de 280 quilômetros, de acordo com Aristóbulo (FGrH 139 F 13). A partir daí Alexandre passou ao interior do país, onde o oráculo de Amon estava situado. A estrada era deserta, arenosa na maior parte e seca. Mas Alexandre tinha o auxílio de chuvas torrenciais, o que ele atribuiu à divindade. Outra ocorrência que foi atribuída à intervenção divina: quando um vento sul soprava naquela região, boa parte da estrada era coberta com areia e as marcações da estrada desapareciam. Estando um oceano de areia como estava, era impossível dizer a direção correta, já que não havia montanhas, árvores ou montes sólidos que servissem de sinais ou guias para os viajantes, da forma como as estrelas são utilizadas pelos marinheiros. O exército de Alexandre estava, portanto, avançando sem objetivo, e os guias não conseguiam indicar o caminho. Ptolomeu, filho de Lagus, relata (FGrH 138 F8) que duas cobras falantes precederam o exército e Alexandre ordenou que os guias as seguissem e que confiassem na divindade; as cobras então mostraram o caminho para o oráculo e retornaram. Mas Aristóbulo (FGrH 139 F4) diz (e a maioria dos autores concordam com ele) que dois corvos voaram à frente do exército, servindo de guias para Alexandre. Eu posso afirmar que deve ter sido alguma intervenção divina em favor

de Alexandre, já que isso é o que parece provável. Mas a verdade do caso foi obscurecida pelos relatos conflitantes dos historiadores.

A área onde o santuário de Amon está situado é de formato circular, completamente deserta, coberta com areia e sem água, mas o lugar propriamente dito é pequeno (com uma extensão máxima de sete quilômetros). [...] Alexandre admirou o lugar e consultou o deus, e tendo recebido, como ele mesmo diz, a resposta que seu coração desejava, retornou ao Egito pela mesma rota, como atestado por Aristóbulo (F15), ainda que, de acordo com Ptolomeu (F9), tenha seguido uma rota direta para Mênfis.

Arriano 3.3-4 (texto com omissões); Austin n. 9

6. A destruição de Persépolis (330 a.C.)

Sobre Persépolis, a capital do Império Persa, Alexandre a descreveu aos macedônios como o pior inimigo entre as cidades da Ásia, e a deixou para o saque de seus soldados, com exceção do palácio real. Persépolis era a cidade mais rica de todas e suas casas tinham sido lotadas de riquezas de todos os tipos por um longo tempo. Os macedônios precipitaram-se contra a cidade, assassinando todos os homens e pilhando as casas – numerosas, cheias de mobílias e objetos

preciosos de todos os tipos. Foram levados muita prata e ouro em igual quantidade, e muitas vestimentas caras, bordadas em púrpura ou com ouro, foram tomadas como prêmios pelos vitoriosos. Mas o grande palácio real, famoso por todo o mundo habitado, havia sido condenado à indignidade e destruição total. Os macedônios passaram o dia a pilhar, mas ainda não haviam satisfeito sua ganância insaciável. [...] Quanto às mulheres, eles arrastaram-nas forçosamente com suas jóias, tratando como escravos todo o grupo de cativos. Como Persépolis havia ultrapassado todas as outras cidades em prosperidade, então ela agora as excederia em infortúnio.

Alexandre dirigiu-se à cidadela e se apossou dos tesouros ali armazenados. Eles estavam cheios de ouro e prata, com o acúmulo de riquezas do tempo de Ciro, o primeiro rei dos persas, até aquele momento. Calculando ouro e prata, 120.000 talentos foram ali encontrados. Alexandre queria tomar parte do dinheiro para si com o objetivo de cobrir as despesas da guerra, assim como depositar o restante em Susa sob forte vigilância. De Babilônia, da Mesopotâmia e de Susa, Alexandre enviou uma caravana formada por mulas, algumas delas carregadas e outras a puxar cargas, bem como 3.000 camelos carregados, e com estes últimos o tesouro enviado para os locais escolhidos. Ele era muito hostil ao povo local e nele não confiava, desejando destruir Persépolis por completo. [...]

Alexandre realizou jogos para celebrar suas vitórias; ofereceu sacrifícios magníficos aos deuses e divertiu seus amigos com extravagância. Um dia, quando os Companheiros estavam comemorando e a intoxicação ia crescendo conforme a bebida era consumida, uma loucura violenta tomou conta daqueles homens bêbados. Uma das mulheres presentes (a ateniense chamada Thais) declarou que a maior realização de Alexandre na Ásia seria se juntar ao seu desfile e atear fogo ao palácio real, permitindo às mulheres a destruição ligeira do que havia sido o orgulho dos persas. Tais palavras foram ditas aos jovens que estavam já completamente enlouquecidos por causa do álcool, e alguns deles, como esperado, gritaram em favor do desfile e acenderam tochas, exortando-as a punir os crimes cometidos contra os santuários gregos. Outros se juntaram ao coro e disseram que somente Alexandre era merecedor de tal feito. O rei se empolgou com o resto dos súbditos pelas palavras ditas. Eles saltaram do banquete e espalharam a palavra para formar um desfile triunfal em honra de Dioniso. Uma quantidade de tochas foi rapidamente coletada, e como as músicas haviam sido convidadas para o banquete, o rei liderou a todos no deleite ao som de cantorias e flautas, com Thais, a cortesã, conduzindo a cerimônia. Como os outros seguiram o seu exemplo, toda a área do palácio real foi rapidamente engolida pelas chamas.

Diodoro 17.70-2 (texto com omissões); Austin n. 10

(Página deixada propositadamente em branco)

CONCLUSÃO

Alexandre realizou o que os gregos sonhavam ao menos desde a batalha de Salamina, em 480 a.C.: organizar uma expedição asiática que pusesse fim à ameaça persa. Talvez nunca o tenham feito devido à natureza do sistema políada. Noutras palavras, as *póleis* dificilmente reconheceriam pacificamente um poder maior que as liderasse, fora da Grécia, contra o inimigo “bárbaro”. Nem exércitos cívicos poderiam fazê-lo. Um conflito entre os ideais cívicos de combate, por meio dos quais um soldado obteria a vitória somente se combatesse por sua liberdade política, e a obrigatoriedade de forças profissionais, dispostas a marchar até os confins do mundo pelo tempo que fosse necessário, criou a possibilidade de atuação de uma força política externa: a Macedónia. Filipe modelou um exército taticamente maleável e integrado e criou um cenário propício de intervenção nos assuntos he-

lénicos como *hegemon* contra os persas; Alexandre herdou tal projeto e abraçou-o com competência, levando-o ao nível que os gregos jamais poderiam sonhar. Por meio da máquina de guerra criada pelo pai e modificada no curso de 12 anos pelo filho, os persas conheceram o fim dos Aquemênidas e o mundo assistiu à emergência de um novo tipo de monarquia, criada com base num projeto de unificação política e cultural sem precedentes e que marcaria profundamente a história dos homens e mulheres antigos. Tal unificação, contudo, foi acompanhada de diversos excessos por parte de Alexandre, do saque de Tebas ao incêndio do palácio real em Persépolis. Uma personagem histórica de comportamentos excessivos no âmbito pessoal, de extravagâncias no campo político e de grandes façanhas em terreno militar. Diante de tamanha pluralidade, Alexandre mostrou-se capaz de grandes vitórias e fracassos, provocando em alguns de seus estudiosos, admiração, e noutros, repulsa.

ANEXOS

(Página deixada propositadamente em branco)

I. Tábua Cronológica

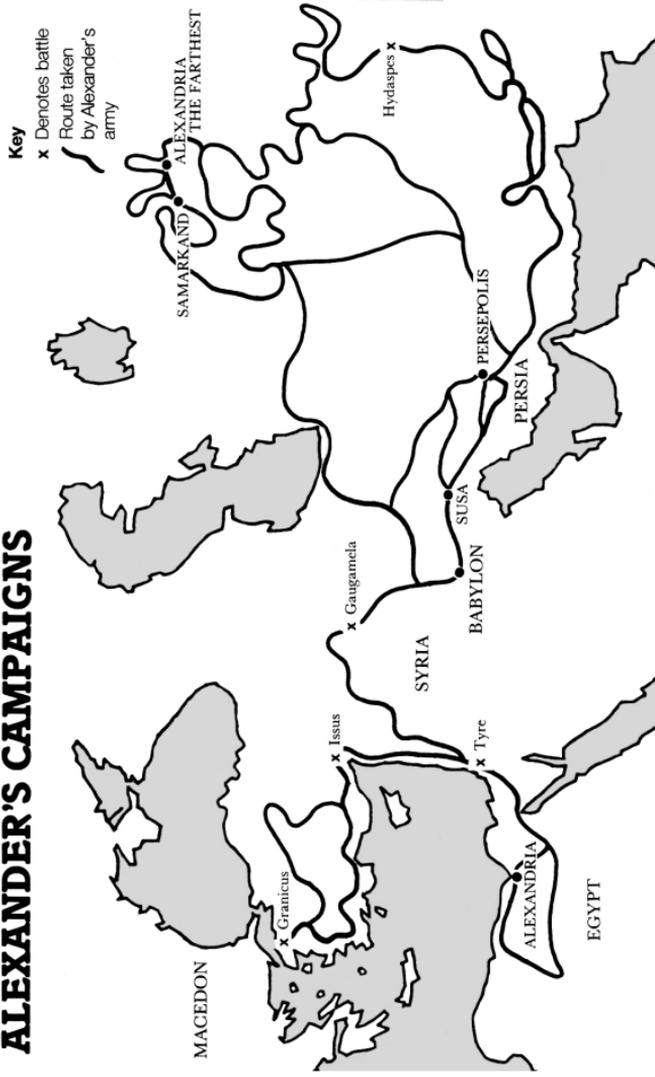
- 356 Nascimento de Alexandre
- 336 Morte de Filipe II; Ascensão de Alexandre
- 335 Campanhas na Trácia e na Ilíria; revolta e destruição de Tebas
- 334 Batalha de Granico; conquista da Ásia Menor
- 333 Batalha de Isso
- 332 Cerco de Tiro; conquista da Síria; submissão do Egito
- 331 Fundação de Alexandria, Egito; visita ao oráculo de Amon; Batalha de Gaugamela
- 330 Destruição de Persépolis; Alexandre chega a Ecbatana (capital da Média); execução de Filotas, filho de Parménio
- 329 Alexandre chega a Bactria
- 328 Conquista da Bactria e Sogdiana; morte de Clito; conspiração dos Pajens e execução de Calístenes
- 327 Invasão da Índia via Afeganistão
- 326 Batalha do Hidaspes
- 325 Alexandre atravessa o deserto gedrosiano; Nearco retorna do Golfo Pérsico

324 Alexandre chega a Susa

323 Morte de Alexandre na Babilónia (10 de Junho); o exército elege Filipe Arridaeus (meio-irmão de Alexandre Magno, mas sem condições mentais para o exercício do cargo) e Alexandre IV (ainda por nascer) como reis da Macedónia; Perdicas se torna regente e comandante na Ásia e Antípatro se torna comandante na Macedónia e Grécia; Diversos veteranos são feitos sátrapas: Lisímaco na Trácia, Antígono na Frígia, Ptolomeu no Egipto e Eumenes de Cardia na Capadócia (ainda por ser conquistada); Guerra Lamiana (revolta dos gregos contra Antípatro); Demóstenes retorna para Atenas; Antípatro cercado em Lamia

II. Rota da Expedição de Alexandre

ALEXANDER'S CAMPAIGNS



As campanhas de Alexandre Magno. *In*: Hackett, John (org.).
Warfare in the Ancient World. London, 1989, p. 109

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

- Austin, Michel. *The Hellenistic World from Alexander to the Roman Conquest*. Cambridge, 1981.
- Engels, Donald. *Alexander the Great and the Logistics of the Macedonian Army*. Berkeley and Los Angeles, 1978.
- Ferrill, Arther. *The Origins of War. From the Stone Age to Alexander the Great*. London, 1985.
- Grainger, John D. *Alexander the Great failure: the collapse of the Macedonian Empire*. London; New York: Hambledon Continuum, 2007.
- Green, Peter. *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.* Berkeley, 1991.
- Hackett, John (org.). *Warfare in the Ancient World*. London, 1989.
- Hammond, N. G. L. and Griffith, G.T. *A History of Macedonia*, volume 2. Oxford, 1979.
- Tarn, W. W. *Alexander the Great*. Cambridge, 1948.

Estado da Arte

13

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2011

